

Voo Rumo às Asas

A ARTE E O VÍNCULO COMO REMÉDIO

VALMOR BORDIN



Formato Digital
da 2ª Edição

buqi

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Voo Rumo às Asas

A ARTE E O VÍNCULO COMO REMÉDIO

VALMOR BORDIN

O AUTOR

VALMOR BORDIN nasceu entre Bela Vista e Barão Hirsch, "povoados" de pequenos produtores rurais de origem italiana e judaica, pertencentes ao município de Jacutinga - RS. Graduado em Medicina, com residência em medicina interna pela Universidade de Passo Fundo, e residência em Psiquiatria pela Fundação Universitária Mario Martins, em Porto Alegre - RS. É psiquiatra na cidade de Passo Fundo - RS. Publicou contos nas antologias '102', '103' e '104' "que contam e brevíssimos!". Premiados no Concurso Charles Kiefer de contos em 2006, participando do livro 30 CONTOS IMPERDÍVEIS. Primeiro lugar no II e no VI Concurso Nacional de Poesia promovido pela Fenavinho, com os poemas "*Canção dos Vinhedos*" e "*Balada dos pés tristes*", respectivamente. Premiados no Concurso Histórias de Trabalho 2008 - 15ª edição, promovido pela Secretária Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Porto Alegre - RS, com o poema "*Avental de mãe*". Em 2009 publicou "*Voo rumo às asas - a arte e o vínculo como remédio*", finalista do Prêmio Açorianos de Literatura. Lançou pela editora Dublinense, em 2010, o livro de contos "*O quase-nada*". Ministrou o seminário: "*A contação de histórias em três faces: a imersiva, a terapêutica e a tecnológica*", no 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, da 13ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo - RS, capital nacional da literatura.



À FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA MARIO MARTINS,
Porto Alegre - RS,
onde apreendi e aprendi
o conhecimento científico sério
e humano!

Com Gratidão

A Roberto que me fez pai,
e à Rita, que tornou o impossível, possível!

Com amor!

“Depois que meu pai morreu,
descobri no sótão da sua casa
um baú (...). Estava trancado e
resolvi arrombar o fecho com
um martelo e uma chave de fenda.
Quando o trinco rompeu e levantei
a tampa, lá estava tudo de novo —
aquele cheiro, em uma lufada,
veio de encontro a mim (...).
Tive a sensação de ter aberto seu caixão”

Paul Auster

PREFÁCIO

Em “Teaching the Art of Empathic Interviewing to Third-Year Medical Students using a Fairy Tale – ‘The Prince Who Turned into a Rooster’” (American Journal of Psychotherapy, Vol. 62, N° 4, 2008 P.395-418), Nancy Joachim, professor da Columbia University, demonstra como a empatia pode ser ensinada aos estudantes de medicina através de contos de fadas. E utiliza a história “O príncipe que se transformou num galo” para a empatia do médico com pacientes psicóticos.

Sabemos que toda a atividade se transforma positivamente quando conseguimos vinculá-la a uma das manifestações da cultura humana.

A psicanálise conseguiu alcançar o “charme” que alcançou, à medida que seu criador vinculou sua teoria às tragédias gregas, para citar um exemplo clássico.

Quando descrevo aos meus alunos, citando um pequeno exemplo, o quadro F68.1 da CID-10 (Produção deliberada ou simulação de sintomas ou de incapacidades físicas ou psicológicas), eles prestam a atenção habitual. Mas quando descrevo o quadro com o nome de Síndrome de Münchhausen e cito as construções literárias a respeito, o interesse aumenta.

O mesmo ocorre, noutro exemplo, quando o diagnóstico diferencial entre transtorno de personalidade impulsiva e transtorno de personalidade antissocial é discutido com a inclusão de cenas de Benito Del Toro no filme Vinte e Uma Gramas.

Por entre contos, “cartas” de pacientes, desenhos, esculturas e poesias encontramos no texto de Valmor Bordin, a breve pergunta resposta: “A arte cura? – Sim”.

Com pacientes que estão fora da “nossa” realidade temos muita dificuldade em nos “conectar” com eles, e acabamos, no trabalho, tomados por uma insuportável sensação de solidão. Resultado: queremos fugir.

A questão é: como vamos desenvolver empatia por estes pacientes? Como vamos conseguir compartilhar a “mesma” realidade? Valmor Bordin resolve a questão vinculando a psicose à cultura. Quem ler seu livro se sentirá, com certeza, mais estimulado a acompanhar pacientes psiquiátricos graves.

Penso que “Voo Rumo às Asas” fará companhia a textos de leitura obrigatória como o de Nancy Joachim citado acima. A arte, entre outras curas, “cura” o próprio médico. Quem inicia a trabalhar com saúde mental deve lê-lo. É prevenção primária!

Jorge Alberto Salton, psiquiatra, mestre pela UFRGS, professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo - RS.

No momento em que conheceu o pintor Gauguin, em Paris, Van Gogh convidou-o para morar com ele no sul da França, a fim de pintarem lado a lado. Van Gogh alugou uma casinha, pintando-a de amarelo vivo e decorou um quarto com pinturas de girassóis para hospedar Gauguin.

Quando o idolatrado pintor chegou, era 1888. Juntos pintavam, discutiam arte, bebiam, frequentando bordéis.

Um dia, Van Gogh teve um lampejo de tudo o que havia dentro dele, e isso transbordou na série “sóis”, em plena luz do dia. Mas, como o êxtase não é eterno, quando viu seu retrato pintado por Gauguin, exclamou em palavras proféticas:

— Sim, sou eu mesmo, mas eu louco!

Mais tarde, tiveram uma discussão num bar. Van Gogh ameaçou Gauguin com uma navalha, que o encarou com firmeza até que ele saísse, encabulado. Naquela noite, Van Gogh cortou o lóbulo da orelha esquerda, embrulhou num lenço e deu a uma prostituta.

Gauguin pegou o primeiro trem para o norte deixando o amigo morto de vergonha. Continuaram comunicando-se por carta até o suicídio de Van Gogh.

Gauguin sentiu algo muito especial naquela breve temporada convivendo com Van Gogh. Mais tarde escreveu:

— Embora o público não tivesse conhecimento, dois homens fizeram um trabalho formidável. Útil para ambos, talvez para outros. Certas coisas geram frutos!

Muitos interpretam as formas distorcidas e as cores violentas das telas de Van Gogh como prova do seu desequilíbrio mental. Alternadamente deprimido ou hiperativo, atirava-se à pintura com um frenesi terapêutico. Pintava o dia inteiro com rapidez alucinada, sem parar nem para comer. Seguia pintando noite adentro, à luz de um toco de vela preso à aba do chapéu.

Dizia do trabalho, seu frágil apoio para uma vida produtiva:

— É o para-raio de minha insanidade”

A arte tornou-se o único refúgio de Van Gogh. De 1888 a 1890, em Arles, no sanatório e finalmente em Auvers, sob os cuidados do Dr. Gachet, Van Gogh, embora profundamente doente e preso a alucinações, pintava uma obra-prima atrás da outra.

Diz o Dr. Gachet:

— Cada vez que olho seus quadros, vejo alguma coisa nova. Você é mais que um pintor, é um filósofo!

Podemos recorrer a várias passagens dentro da história da arte para mostrar que a linha que divide a normalidade, o real e a lógica da sanidade, é muito tênue. O artista se vale da imaginação, de fantasias, do onírico para potencializar seu trabalho. Vai e volta em naufrágios, delírios e êxtases, na imaginação ilimitada.

Porém, a volta é muito importante, do contrário não conseguiria responder aos outros compromissos que uma vida “normal” exige.

O paciente pode, através da terapia artística, fazer seu canal de comunicação com o mundo externo. Expressar pelas linhas dos desenhos, nas pinceladas ou na modelagem da argila, seus temores, traumas, desejos tão obscuros na sua loucura. Cabe ao terapeuta, uma leitura conjunta com o seu paciente, interpretar essas manifestações a fim de buscar informações que possam ajudar no seu tratamento. O trabalho resgata o humano, sua autoestima, comunicação e valorização, desde que sua doença permita alguma forma de pincelar a atividade artística.

O homem pintava nas paredes das cavernas, achava, assim, que teria domínio e poder sobre as

imagens desenhadas, facilitando a sobrevivência num mundo tão inóspito.

Importantes artistas como Edvard Munch, Frida Kahlo, Jackson Pollock, Francis Bacon, transgrediram essa linha limítrofe da sanidade, fazendo da arte seu canal de comunicação com o mundo.

O valioso e humano trabalho de relação médico-paciente, que vemos neste livro, corrobora para que a arte como terapia seja praticada nas instituições de saúde mental.

No diálogo de despedida, com seu paciente Nadir, o médico revela uma dúvida:

— Em qual dos olhos corre uma lágrima?

Minha resposta está nos mesmos comentários que Gauguin e o Dr. Gachet fizeram após a convivência com Van Gogh, reconhecendo e valorizando o crescimento que tiveram com aquele “louco”.

Portanto, a lágrima é sua doutor!

Miriam Postal, Artista Plástica, Pós-Graduada em Arte / Educação pela Universidade de Passo Fundo - RS

Voo rumo às asas - a arte e o vínculo como remédio: é um livro que nos fascina. Eu não hesito em recomendá-lo a todos. Talvez pela delicadeza e a forma amorosa com que Valmor Bordin traz à tona o sofrimento cruel da alma de seus pacientes.

Com intimidade e honestidade conta sua experiência única e genuína na residência médica, na Fundação Universitária Mário Martins - Porto Alegre - RS. Ainda como um jovem psiquiatra, descreve com sensibilidade, através de seu olhar, a luta pela vida e as almas torturadas, às quais nos deparamos no ofício da psiquiatria, dia após dia. Esses relatos nos fazem pensar sobre o que seria realmente a loucura, revelando a sutileza e agonia deste "estado" terrível.

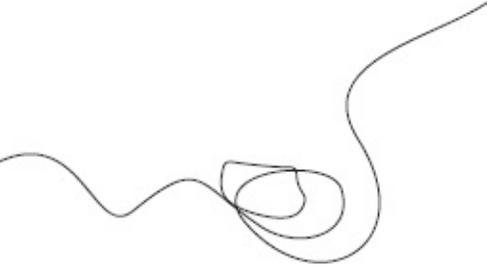
Atrevo-me a dizer que Valmor Bordin conseguiu dar um passo em direção "à cura" deste mal, experienciando o poderoso remédio: Vínculo médico-paciente. Talvez hoje, "remédio" em desuso para a medicina moderna que prefere exames de imagens e procedimentos invasivos como forma de proteção da prática médica.

Como acreditar que apenas a escuta sensível e um olhar empático pode diagnosticar uma doença e fazer uma receita?

Por fim, a finalidade deste livro é de mexer com nossos conceitos e preconceitos, em nossas fantasias humanas, nos fazer chorar ao nos depararmos com a "pobreza" da doença mental com seus sofreres, com seus gritos solitários pedindo, apenas, um remédio, nem que seja amargo, mas que possa trazer o sossego.

Rita Maynart Bordin, médica psiquiatra, organizadora dos textos e imagens deste livro.

APRESENTAÇÃO



“EM VERDADE VOS DIGO: TUDO ISSO FOI VERDADE”

O Autor

Importa o que é verdade ou invenção? Mais do que a intenção é aquilo que se guarda. Vale a pena é a palavra que toca. Se a loucura existe, ela é de todos. Acontecida ou imaginada é obra de amor e paciência suportá-la.

Dispensio as teses acadêmicas. Quero as tabelas que falam de estatísticas fora deste instante. Busco a memória mais remota. Imagino um sonho fundindo a outro e mais outro até não desgrudar nunca mais da lembrança.

Mergulho na memória. Quantos anos passados, que valem a pena lembrar porque são lembranças humanas.

Cortar, rachar o espírito — delírio.

A psiquiatria foi marcada, nas últimas décadas, por uma verdadeira revolução terapêutica. É importante lembrar que até 1930, os hospitais psiquiátricos tinham exclusivamente caráter de custódia. Por volta de 1952, dois em cada três pacientes psicóticos, tornavam-se moradores do hospital. Em parte é destes moradores que falo.

Nós, psiquiatras, somos inocentes e ao mesmo tempo, réus. Insetos com a possível capacidade de conquistar asas para alcançar a palavra — saúde mental. A anciã que trança a palha do trigo para construir o chapéu da mulher trabalhadora. Um mundo enorme cabendo sobre um chapéu pousando numa humilde cabeça.

Que encontro formidável. A cabeça e o chapéu se encontrando, como a poesia, a medicina e o remédio. Creio que a medicina nasceu da poesia e depois se fez corpo próprio. Tenho certeza que o sofrimento está mais próximo da poesia do que da medicina.

Loucura! Alma libertando o destino. Angústia enferma descobrindo e desconhecendo sua maior representante, — a vida.

Delírio? Que porta misteriosa abres com tua chave? Onde guardas a cópia original? Quem a tem? Que fechadura é essa, cravejada de parafusos? É único teu trinco? Qual é o silêncio trágico que escondes atrás da tua porta? Vasta corrente de dor. Por maior que seja tua arte de iludir não te iluda, te compreendemos!

Que vasto mundo és tu, — delírio!

Sufrimento! Dor, matéria bruta do cotidiano. Abismo inchado de incompreensão. Impotência, um recorte de vida. Pequena faixa de emoção atrás de uma cortina que tenta esconder tudo o que é óbvio. A falta de compaixão. Humor sem risadas.

Viajar rumo às asas. Falar do humano que deveria haver em nós, psiquiatras, registrar a forma verbal e visual podendo ser criada somente por nós, por mais ninguém.

Buscar a raiz da melancolia, o testemunho raro, a intenção do homem finito, de um caminhar buscando a resposta.

Estatísticas? Delas estou farto.

Discordo da opinião dos “especialistas” que julgam a arte da doença mental como hospedeira de sentimentos embrutecidos. A mim, é arte formidável que desafia conceitos diante de uma tela, do pincel, do lápis ou da argila.

A tela, o pincel, o lápis a argila lutam para provar o contrário — reencontrar a vida. Esta, sim, é arte virgem despojada do conceito acadêmico, como é a arte do índio, ou de uma criança.

Creio que a arte “louca” vai permanecer para sempre, como a intocada arte que produz a imagem invadindo nossa consciência de forma pura, aproximando-se de maneira ordenada e ao mesmo tempo desordenada, indo até a fonte do processo criativo.

Não devemos cair na ilusão de achar que a arte do psicótico é privilégio da manipulação desordenada do pincel, da cera ou da argila.

Ganhei certa vez, de uma senhora envelhecida, de cabelos brancos, caminhando pelo corredor do hospital, uma cestinha feita de jornal trançado, pintado de verniz. Conservo-a até hoje. Disse:

— Cuida de minha filha!

Cantava um pedaço de música antiga embalando uma cesta:

“... lampião de gás / lampião de gás / quanta saudade / você me traz...”

Vínculo! Olho humano convertido em símbolo, recolhendo algo de bom que o mundo oferece. Enriquecendo qualquer relacionamento ou atividade, revelado no estado de ânimo e na excelência de sua execução.

Se isso corresponde ou não a uma expectativa preestabelecida, tem pouca importância, desde que transmita um sentimento puro, na forma mais bruta e brutal.

Louvemos a origem da apreensão, o sabor do grito órfão. A fissura em cuja fenda habita o sentimento que escapa. Este grito que aponta a direção do pé gasto que caminha.

Neste vasto purgatório de Dante, o delírio cobre nosso coração como o arco-íris que não se deixa alcançar. É lua prateada de moedas, que sabemos não ser nossas. Gema amarela, metal quente ao luar pálido refletido no espelho da água verde numa lagoa qualquer. Grão de uva colhida do mais canhoto cacho, que somos nós.

Se a arte dentro de um hospital psiquiátrico é forma de o ser humano existir, o mundo inteiro sabe, — ou não sabe! Sabemos o doloroso ato de internar um familiar, quando não há outra saída.

Tinha fascínio em olhar os quartos coletivos dos pacientes, em plena madrugada de plantão. Encostar meu ombro na porta entreaberta. Ali os encontrava agredados e desobrigados das leis enfadonhas do mundo.

Arte bruta! Vomitada das entranhas de “um louco”. Arte culta, aquela moldada nas escolas, — não importa. A verdadeira loucura é não aceitar que o outro é diferente, — a melhor arte é quando ela esquece como se chama.

SUMÁRIO

I CARTAS A UM JOVEM PSIQUIATRA

II A ARTE E O VÍNCULO COMO REMÉDIO

III IMAGENS

IV RODA DE CONTOS FAMINTOS

V POEMA NUM LUGAR ASSIM!

VI FINAL

VII DESPEDIDA

I CARTAS A UM JOVEM PSIQUIATRA

Paciente tem paciência e virtude. É sereno e conformado. Aguarda tranquilamente e sabe esperar — é pessoa que espera calmamente. Indivíduo doente que está sob cuidados médicos. Réu que espera a pena de morte. Todo aquele que sofre a ação ou omissão criminosa.

Paciente — sujeito que leva uma surra!

O que deixo aqui registrado são cartas — bilhetes urgentes. Que me foram entregues pelos “pacientes” no corredor do hospital, ou caindo pelo buraco da fechadura onde eu dormia em noite de plantão. Ao fim de cada dia reescrevia em casa respeitando os “erros de português” e a estética da linguagem.

Lembro da “Carta de apresentação”:

“... Fica o senhor presidente autorizado a usar esta carta de uma maneira digna. Se não gostar, por favor devolva ...”



Pai

"A impotência não é crime. Só a insensibilidade, esta sim, é inadmissível"

O Autor

Pai! Uma tristeza finca as garras no meu coração. Sou teu filho e pronto. Levará muito tempo para você considerar que minha vida é muito amarga. O teu espírito é tão pobre que aspira até a linha de um novelo de lã enrolado na aflição da terra.

Pai! Você me disse que eu não devo olhar para o céu, para encontrar o cristo, que é para olhar o cristo na terra, mas ele não está entre nós. Pai! Que amigão que você é. Sinto o trovão da tua voz quando cai a tempestade como um raio ou os dois juntos.

Pai! Minha lembrança de você está bloqueada. Conheço apenas algumas que chega até a cozinha e fica parada.

Pai! Não durmo bem e não gosto desta comida, ela tem gosto de traição. Parece comida pra cachorro e desde a noite passada, estou num pedaço de manhã.

Pai! Acorda, porque eu já acordei.

Pai! Estou amarrado numa cama de hospital.

Posso viver?

Câmbio! Câmbio! Posso viver? Pode ser que eu seja um último sentimento que pode até rasgar uma pessoa sou um palhaço que pedi e me perdi mas posso viver?

Agora não peço mais. Papo o Papai Noel papagaio e depois como peixe com pão e fico cheirando de cheiro de suor de peixe. Que bonito é o suor de um peixe e que bonito é homem e mulher do sexo masculino e feminino

O que eu sinto é que dói e antes de tudo quero dizer que quero parar de ouvir o peixe pescado batendo a escama dentro da minha cabeça

Quero Ser Criança Outra Vez

Para Alice Cacilhas

doutores vocês dizem que estão cansados dessas crianças e vocês tem razão, porque vocês dizem ainda que estão cansados de descer as escadas e se rebaixar e de se ajoelhar e ficar curvados por tanto tempo nessa igreja pecadora, mas vocês estão muito errados, porque não é isso que cansa vocês, porque cansar é o fato de ter que levantar o corpo até alcançar o sentimento de uma criança e isso não é nada fácil porque descer e ficar na ponta dos pés e estender a mão para não machucar uma criança é difícil é como colocar a minha mão esquerda deitada no joelho direito de Deus

A mulher de judas

tão sublime é o amor de uma mãe que eu mesmo sendo deus, um guia que se fez criança para conhecer a ternura infinita do amor de uma mãe que não existe, que é como uma bicicleta parada não se pode andar numa mãe parada. Ainda tenho medo e amar não é fácil e andar de bicicleta é pior ainda. Nenhum eu te amo se ganha assim tão de graça. Hoje eu fui no mercado e comprei um enorme abacaxi pensei em deus e o quanto ele me amou, amou tanto que tenho uma moleza dolorida no corpo que não consigo fazer quase nada. Apenas caminhar ao redor da minha casa, e depois descanso um pouco no primeiro degrau da escada e depois volto a caminhar. Vou comprar um picolé e depois de chupar o picolé maria dá o seu sim de maria. Mamãe corrija o sim da nossa cachorra mamãe corrija nossa cachorra, o uivo da nossa cachorra papai porque você não age ó criatura periquito riquito quito tô quitada de tudo

Monotonia

dia dois de novembro é vinte cinco de dezembro e o rei é marido da rainha. Soberano de um reino principal, o primeiro entre todos. Uma variedade de maçã que não é pêra. Mestre zangão que é morto pela rainha é homem pessoa do sexo masculino e depois da puberdade é homem um homem homenção. Uma comédia que dá um rótulo pra esta vida brasil. Rei soberano que exerce o supremo governo de um estado e a rainha é imperatriz, mulher que entre todas as mulheres ocupa o primeiro lugar. A primeira de todos os números inteiros e dos quais todos os outros são formados da repetição dele como parcela de um adjetivo único e contínuo chamado monotonia

Carta encontrada debaixo de uma xícara de café

Doutor por favor entenda que o indispensável na arte de qualquer diagnóstico é um diagnóstico representativo do número que marca as nossas costas. Príncipe é nome pra vocês. Filosofia é o perfil de conquistar a vida, dádiva só alcançada pelos médicos embora nós também temos tarefas de psicologia

nós indivíduos doentes declaramos que temos sido vítimas de maléficas doenças e queremos o direito da justiça, futuro eu sei que não vamos ter, mas não vou morrer como os outros homens ou seja, viver não é morrer

O Amor Fina

Doutores por favor vão pro inferno vão pro inferno bem juntinhos ou dói ou dá meu romance tem o amor das moscas e se você perdeu uma namorada não desanima pode ganhar uma amiga e sair cantando por aí daqui pra frente tudo vai ser diferente e você vai aprender a ser gente como uma tartaruga do guaíba que é um réptil quelônio da sub - ordem Y e conforta a super família das medusas e podem atingir uma altura de até 2 metros e 38 centímetros depois não vem me perguntar se a bola está na área e não tem ninguém pra cabecear aí a gente vai precisar de um cientista para falar de gente urgente

O Sistema do Doutor Cachimbo

Não se pode maltratar um vira-lata porque a estrequinina não Nina um cão um cão é vírus que pega e pega mesmo um cão é Muito amigo da gente e hoje por exemplo eu fui até a beirada do mar porque lá o tempo não passa não me levem na igreja universal do reino de deus porque o pastor falou saia deste corpo agora, vamos! repetiu umas trezentas vezes parecia um bocó fingindo que sabia de tudo dei uma olhada pra ele e ri depois andei pela rua como um cachorro e pensei como era seria bom ser lambido por outros cachorros só um vira-lata sabe o que é felicidade e chegamos numa sala branca e me convidaram para sentar na primeira fila e as pessoas ficavam ao meu redor tomo passes, outra vez sou batizado depois dois espíritos saem de mim e encarnam no doutor sento no lado direito dele e tomo outro passe outra vez entramos numa salinha que diziam ser um consultório e um homem fumando cachimbo e fedendo a fumaça ele olhava a gente e ficamos em pé na frente dele ele disse que era neurologista e tratava das pessoas que sofriam dos nervos depois ele pediu para a gente sentar eu e o pai e a mãe, conversamos um pouco é claro depois saiu da sala minha mãe e falamos sobre a minha vida o colégio e outras coisas e depois disso saiu meu pai e voltou minha mãe, logo depois entra minha mãe e meu pai e eu tenho que esperar lá fora, eu não entendi por que eu tinha que esperar lá fora se a consulta era pra mim, esqueci de dizer que ficamos três horas esperando na sala de espera a conversa com o doutor cachimbo era muito chata porque ele só fumava o cachimbo, então eu agarrei o cabelo dele e puxei e lambuzei minha mão da brilhantina do cabelo dele depois fugi do consultório e desci correndo até que enfim cheguei na tese da franqueza é tudo mentira vou bater na tua porta tá tá tá um pouco de pão por favor um dia eu fui pai de um menino que era pra ter nascido mas acho que não nasceu daí seqüestrei eu mesmo para cuidar do meu filho eu sou o cachorrinho de estimação da minha família é incrível mas seria bom fazer a bomba atômica não sei de nada e não sei nadar doutor hoje eu sonhei com um museu eu era uma carcaça de osso virando homem

Natal no Sanatório Quatro Cruzes

É natal gingo e gingo não faz mal não faço mal a ninguém amar por favor quero amor tenho medo sim e não é por acaso que estou nu então deus que me perdoe me perdoe socorro fui ao médico para consultar ele me receitou um remédio eu saí porta afora e lá em casa começamos a procurar a receita do médico até que enfim achamos, era concerta 36 mg aí pegamos o carro e fomos até a farmácia e compramos o concerta e quando chegamos em casa tomei um banho e chorei, chorei muito e depois peguei no sono, acho que o remédio fez efeito porque os pesadelos não me visitaram no meu sonho e eu sonhei com o papai noel

É Tudo Mentira

meu pai falou que sou uma menina andróide e que vou muito bem assim obrigado mas uma menina andróide não consegue nem pensar em tudo e se pensa em tudo vai achar bonita uma menina andróide que pessoa muito bonita é uma menina andróide?

vou comer uma panqueca com arroz e feijão e depois vou descansar um pouco e não muito e depois levanto e caminho até a fruteira da esquina e compro um cacho de uva depois eu volto e tomo banho e chupo o cacho de uva chupo só o suco mas o grão insiste em entrar na minha garganta mas o grão está coberto de gelo depois eu tomo outro banho e troco de roupa umas quinhentas vezes mas nenhuma roupa agrada o meu corpo mas eu me agrado, daí eu janto a sobra de uma panqueca e tomo um suco de limão e vou dormir sonho com um montão de coisas depois acordo e já é meio dia, o almoço é panqueca arroz e feijão

No Outro Lado é a Vida

Um grupo de agiotas entra pela porta do hospital, é a nova turma de residentes, vai começar tudo de novo

Eu digo:

— Olá agiotas qual é o fundamento da ética se daqui a pouco eu alcanço meu revólver, eu quero ir brincar com vocês e pedir para que vocês fiquem comigo sempre eu que estiver passando mal mais do que máquinas preciso de humanidade mais do que inteligência preciso de afeto e doçura sem estas virtudes a vida será violenta e tudo anda rápido e perdido é o mundo que seja infinito este mundo que é muito duro mas cadê o infinito eu acho que peguei o ônibus no lugar errado que horas são no seu relógio?

ando sem parar pelo corredor vou até o fim e volto ao começo outro doutor passa na frente do meu quarto olha as horas ele enjoa de contar as horas todos os dias

Esboço de uma Cabeça

Quero escrever um poema sobre uma cabeça que está nascendo mas o poema se esqueceu de mim, afinal tudo se perde a 444 quilômetros por hora!

Quando atravessei a rua tinha uma mulher me olhando, passei por ela e ela fez uma baita pose empinando a bunda para trás, erguendo a cabeça e passando a mão os peitos!

Eu disse:

— Olá minha escrava!

Ainda bem que a minha mãe estava perto de mim e me salvou. Quando cheguei em casa deitei na cama falei com um espírito e depois dormi enquanto minha cabeça rodava como a roda de um moinho!

A Tropa tem Fome

"Eu agia como um boto, que salta na superfície da água deixando um vestígio de espuma. Acreditava que lá embaixo nada era percebido"

Foucault

hoje comprei um revólver de brinquedo corri para casa como o super homem depois falei ao meu pai que eu queria fazer para ele um sanduíche de brita

Deus porque você me faxina tanto, será por isso que eu te amo demais? como você pode me transformar em doente se é a tua mão que treme e não a minha?

a tropa tem fome de remédio, diz o enfermeiro mas este remédio é um salgadinho sem sal eu preciso de comida forte, e tudo é uma questão de desespero de formar e desmanchar e isso não é coisa muito fácil, ainda mais depois de tudo o que aconteceu lá no cemitério pére lachaise em paris lá não é um cemitério comum, esqueça de tudo o que o senhor viu lá, tá doutor, ou em qualquer cemitério do mundo do tipo família Adams pére lachaise é muito mais vivo do que a gente lá tem poetas enterrados e um dos points mais freqüentados é o túmulo do cantor jim morrison que foi um perfeito idiota porque ele não deveria acabar assim deus que me perdoe mas olha deus, você pipoca demais

Maria Madalena

"Porque açoitas esta pobre rameira? Vira contra ti essa chibata"

Rei Lear, Shakespeare

Odeio fofoca quem tem telhado de vidro não deve fofocar sobre a vida dos outros, fui ao fundo da nossa casa colher alguns pêssegos enquanto eu ouvia uma música do Roberto Carlos que falava assim: "... eu vi o tempo correndo atrás daquele menino ..."

Guardei um pêssego na geladeira eu estava vestida de calça légui mostarda, depois meu namorado chegou, eu dei um enorme abraço nele cheguei louca de cansada, tomei um banho e fiz uma batida de banana depois tomei outro banho e fui fazer tricô e depois fui até a cozinha e fiz uma comida que não sei e não me lembro agora azar o que tá feito tá feito

Andei de bicicleta ao redor de nossa casa porque sou proibida de sair de casa esqueci de dizer que troquei a ordem do nada, fui para o quarto de minha mãe e assisti tevê, quando fui dormir no meu quarto, ainda comi um pêssego hoje me levaram até o hospital eu não estava bem estava muito a fim de desistir pra sempre da vida eu ia me matar me jogando embaixo de um carro mas não vou dizer a marca dele, aí me ajudaram e aí eu não fui até o fim acordei no hospital e tomei café com pão depois fui agonizando ainda arrumei a minha cama e tomei um banho depois levantei e comecei a limpar o chão do quarto passei um pano e tirei o pó do armário troquei tudo de lugar, fiz todo o trabalho com as mãos porque a enceradeira estava estragada fazia tudo isso comendo um pêssego, depois sentei no chão e comi uma caixa de bombom fui tomar banho, vesti e tirei a roupa porque estava suja me internaram outra vez hoje assisti um filme chamado o caçador de andróides depois eu dormi levei a folhagem para fora e só tirei as folhas velhas e deixei as bem verdinhas fui ao armazém e comprei escondida de meu pai 4 chicletes é tarde e tento arrumar o armário do hospital mas não dá porque eu estou muito cansada sentei na mesa de um barzinho em seguida chegou meu pai ele pediu pra mim um cachorro - quente com pepino, odeio cachorro quente com pepino, quem gostava de pepino é minha mãe então eu dei meu cachorro - quente pra ela e pedi um pastel de galinha. Comi e saí, estava chovendo minha mãe estava de sombrinha mas eu preferi caminhar na chuva me molhando quando cheguei

em casa eu briguei com minha mãe por causa dos remédios, eu não queria tomar remédios assisti um pouco de tevê depois eu fui lá fora e sentei embaixo do pessegueiro, respirei e depois eu fui dormir dane-se a organização porque é uma decisão em cima da outra, talvez eu sou a parte culpada, por ser apaixonada por imagens e não por pessoas eu canto: "É cedo ou tarde pra dizer adeus / pra dizer jamais" e vamos ao xis da questão em minha frente minha mãe me atormentando a vida, me dá vontade de partir ela ao meio hoje eu acordei quase ao meio dia fui ao banheiro liguei o som e a música que estava tocando era: "... eu quero é sexo / eu quero é sexo..." tudo isso porque eu dormi de janela aberta só vestia uma camisola, e aí eu me pergunto o que é que um espírito vem fazer aqui depois eu comi bife de fígado com arroz e acordei 11 horas da manhã o almoço era arroz e feijão, só tirei fora a beterraba porque era a menstruação da minha mãe, e beterraba é muito quente e entala no estômago fico tão sozinha, é tão frio demais e olha que eu esqueci de lavar os ouvidos sou gente e bicho ao mesmo tempo e me adoro e me devoro, sinto vontade de ser mulher debaixo de um cobertor

A Galinha Devorada

Ontem a janta foi de galinha que foi devorada aos pedaços, teve as coxas mordidas e o sangue lambido e uma asa arrancada, depois foi a outra. O peito também foi devorado. Foi cruel ver aqueles dentes cravando no pescoço dela. Não era de acreditar de ver como a galinha era comida. Coitada da galinha que era devorada. Até o couro dela sumia junto com os ossos que se amontoavam ao redor das penas querendo voar pela janela.

Sobraram uns riscos de sangue na parede do quarto e nas roupas das camas, e penas deitadas no chão. Depois a luz apagou.

Punhalada Incurável

Engoli um punhado de remédios. Fiz um estrago na minha vida. Experimento a moleza do meu corpo enfraquecido, entregue à cama da emergência de um hospital. De olhos fechados refaço a trajetória do meu louco gesto.

Caio no sono e ando, e ando ao passado como um farol projetando uma luz amarelecida. Tento encontrar a luz e não consigo.

Amei de cabeça pra baixo. Se arrependimento matasse! Mas arrependimento não mata, apenas marca no lombo.

Oração do Canhoto

Hoje é sexta feira, 13 de agosto, dia mundial dos canhotos. O Senhor me concedeu o dom de ser canhoto, então eu sou canhoto!

Tenho duas mãos esquerdas, e a minha melhor esquerda fica no lado esquerdo e a outra esquerda fica no lado direito teimando em se passar por esquerda.

Sou fora da medida para os padrões normais e preciso urgente uma adaptação. Estou fora do esquadro porque dizem que sou deficiente físico. Tenho dúvidas se em outros animais como por exemplo no cão existe a preferência pelo uso de uma pata ou da outra.

Canhotos são bons jogadores e tem a visão abrangente do mundo por serem obrigados à esgotante experiência da bilateralidade, e da inversão do espaço se isso é neurologicamente procedente, não sei, mas que produz um efeito psicológico interessante eu sei. Gauche é esquerdo em Francês e malfeito em Português.

Carlos Drummond de Andrade choramingou:

— Vai Carlos! Vai ser gauche na vida!

Drummond era um homem direito com alma canhota. Não sei se Drummond soube realmente o que é ser Gauche.

— Doutor! São os canhotos que vão endireitar este mundo sem solução, e saiba você que Kafka era canhoto como eu!

Não é Assim que se Trata uma Maçã

Uma maçã cortada ao meio. Uma metade branca deitada no prato. A outra sobrando na lixeira. Fruto saído do galho da macieira, dum galho balançando num lugar sem grades.

Maçã mordida por dentes cariados de uma boca alçapão. Voo cego entre o alvoroço e depois pousando na boca estendida espremendo a metade da mãe libertando a maçã amarga.

Mãe que pousa no galho verde da macieira, sobre o ninho do passarinho que entre saltos e pios, os filhotes ferem o bico e as asas nos espinhos intrusos. A mãe voa longe e se perde.

Mãe, não é assim que se trata uma maçã!

Morango de Argila é Para Sempre

Desejo uma palavra que defina o sim e o agora traduzo minha solidão nessa escultura talvez alguém possa entender o que se passa comigo devagar um sentimento passa por dentro de mim e toma meu coração incompleto me confundo me engulo e engulo a palavra amiga e confidente que se abandona na argila acenando de longe dando risadas da minha ausência cruel lembrança que passa por meu olhar dando gargalhadas sem ao menos dar um bom dia tento apanhar este olhar que me persegue que lambe o lastro da minha cama como um adeus dos meus olhos e sem meus olhos sou muito pouco embora tenho eles como companheiros do olhar que busco sem o tamanho que vai além da falta e de toda esta solidão o que mais falta é argila de morango para moldar a falta

Quando Sobra a Falta

A Cléa Duarte Anselmi

Volto do hospital e trago dentro da maleta o de sempre: A vida em pedaços, um tormento distante. O instante que sobra e fica em mim, tão longe é o retorno e difícil é lembrar a partida. Em qual estrada eu me perdi de mim?

A janela?

Ah! A janela. Meu olhar passa por uma esquina e não consigo mais me seguir

Estou partindo ou voltando?

Restos

Sinto alongar dentro de mim a régua do impossível. A régua ri dentro de mim. Sou maior que ela, uma medida infinita habitando dentro de mim. Gritando verdades em minha cara. Obedeço a mim e a ninguém mais. Controlo o que é violento e nem percebo que sinto o reflexo que me provoca.

Aponto o dedo para o meu peito e digo tudo o que devo ouvir e escrevo numa folha de papel a palavra ESCÁRNIO. Faço chacota do meu sentimento. De uma vez por todas mando em mim! Deixo minha língua falando sozinha. Critico meu sotaque e aponto o dedo até o meu nariz. Entre meus olhos que só eu conheço. Meu jeito que só eu entendo. Minha palavra macia que só eu escuto. Desconfio do meu abraço e dentro deste abraço me esqueço.

Eu

“Um sonho que não se interpreta é como uma carta que não se lê” Talmute

A José Facundo de Oliveira

É noite, sou o plantão do hospital. Um homem novo parecendo um menino velho bate na porta do meu quarto e sussurra:

— Porque fazer tempestade num copo de água!

Fica parado, não diz palavra alguma. Dá uma risada e assim permanece um longo tempo observando meu olho. Depois dá outra gargalhada e sai.

Uma criança observa tudo.

São quatro, cinco seis, sete, oito nove crianças. Em pouco tempo são dúzias e uma delas sou eu!

Sou eu que falo que ouço e vejo sou inteiro em partes, eu sou parte minha entregua

As crianças se retiram. Fecho a porta e apago a luz.

Um menino permanece na solidão do quarto.

Surto

A falta está presente no meu surto, mas o surto nem repara na falta que eu sinto de sentimento. Ninguém anota e nem nota o que me falta. Estou louca e ninguém vê minha gravidez

Doutor eu sou demais por dentro e por fora, não agite minha mente!

Eu pensei que ninguém neste mundo foi tão completamente como eu fui soprado por minha mãe no olho escuro do mundo desumano, acima do fim ninguém é anormal sou considerado um paciente crônico eu sei, em estado de grave putrefação e com afeto cheio de luto como diz minha médica conversando com outra médica no corredor do hospital elas dizem que eu não tenho nenhuma chance de trazer na sociedade um trabalho de qualquer espécie

espera aí doutor! será mesmo que eu não consigo trazer labor?

Sonho na Galeria

"Os que sonham de dia conhecem coisas que escapam aos que sonham à noite"

Edgar Allan Poe

A mulher me disse entra meu filho e eu entrei naquela galeria que eu procurava um lugar para morar, mas aquele lugar era estranho e frio e os corredores eram tão escuros, e a mulher me ofereceu um quarto e depois sumiu.

Ao lado da galeria havia uma loja de relógios caros, muito caros. Eu entrei no quarto e as luzes apagaram. Dei de cara com uma cama de metal verde. Mais nada, mas nada mesmo.

Um homem que jamais vi apareceu na cabeceira da cama, e identificou-se como proprietário do hospital e pediu um avalista.

Mas como avalista se eu estava sozinho naquele lugar? Eu não tinha mais nada na vida a não ser uma carteira de cigarro. Olhei o corredor estreito, sem saída e fui ao encontro do nada e ali encontrei morada.

Encontrei rostos estranhos bebendo a saúde imortal. Alguém me diz olá meu querido irmão, nunca esqueça da inteligência do diabo!

Aí aparece o diabo na galeria e entra no meu quarto e fala.

Eu? De quem falam tão mal? Não sou um bom diabo?

Ouço o grito de Deus explodido meus ouvidos:

— Meu filho mantenha a sua palavra!

Vida Manca

De tudo o que eu lembro é que eu fui rainha do carnaval e só agora manco da perna direita e tenho 52 anos mas a doutora diz que eu tenho 11 não tenho dente nenhum na minha boca e grito frases sem sentido palavras sem nome porque sou agressiva e ameaçadora

doutora por favor! Deixa eu abraçar minha irmãzinha não é boneca não é, deixa eu amamentar, é minha irmãzinha!

Sonhei com Kafka

Sonho. Força indomável. Batata brotando numa despensa. Veneno vazando de um frasco. Janela de uma casa abrindo lentamente, evaporando um perfume com aroma de tangerina. Um livro inventando, imaginação de menino. Roupa escondendo o corpo de uma mulher. Panela que ao abrir constrói uma ceia. Punhal Borgeano — arma sem disparo, — sem matar — metal forjando o inabitável — sonho!

O autor

Um menino é torturado numa cidade em ruínas. É preso aos pés por grilhões (...) seus pés são colocados em furos iguais onde colocavam os pés dos escravos. Uma multidão de gueixas, sorrindo, arrancam as unhas do menino.

O procedimento consiste em primeiro dissecar cuidadosamente as unhas dos pés com um bisturi circundando todo o leito ungueal. Depois um alicate arranca a ponta dos dedos do menino. Os pés ficam rosados como uma amora amadurecida e dos dedos escorre um suco vermelho.

Num golpe certo a gueixa arranca com os dentes a última unha, mastiga e depois cospe fora.

Depois as gueixas sacam suas máquinas fotográficas e desferem violentos flashes que se transformam em choque elétrico. O menino treme em cada raio. Chega o comandante militar e diz ao menino:

— Você está afastado do grupo! É muito jovem para sua primeira experiência! O menino joga a mochila cheia de medo sobre as costas e volta às ruínas, sorrindo, vencedor. Pensa que não há sentido algum em voltar ao grilhão se já lhe arrancaram todas as unhas.

Estagiária da Loucura

Espelho meu, eu sou uma estagiária da loucura esgote minha busca infame pelo afeto, de uma relação cujo início está no ato da criação.

Espelho, há um forte namoro criando entre nós sobre a existência ou não do sujeito tomado pela potência da melancolia, da qual sou no caso uma estagiária, com tantos anos de evolução da doença evoluindo no sentido do empobrecimento olhando pra ti eu já vi tudo, e agora vou embora

Espelho você está satisfeito?

Ovo

Loucura é feita de limão bem verde e redondo como o mundo Como um ovo que não é doce como a tangerina da tangerineira Sei que sou um homem esmagado como um ovo estrelado numa frigideira Mas quem foi que colocou este ovo no mundo?

Boletim de Ocorrência da Injustiça

A Gley Costa

Um neurótico como eu, expressa seu conflito e suas preocupações a partir de uma linguagem e um sistema de valores convencional e incompreendido, rendido por todo o mundo ou quase, um psicótico é um ser desadaptado do cotidiano da vida e expressa seu conflito de forma estranha, diferente do convencional, não segue a regra e a lei e não corresponde ao pensamento científico, é precoce e se dá nas primeiras relações com o objeto

Que bom seria se todas as mães fossem psicólogas porque só as psicólogas têm o carinho da adolescência da psicologia da vida, e a mãe psicóloga tem a paciência louca que vai descobrindo a verdadeira identidade do filho, mãe que teme a maternidade que é a maternidade real tentando preencher o esvaziamento interno de uma mãe digna, que enche a barriga com uma criança guiada pela ciência divina, protegendo ela através do cuidado terapêutico materno, que assim quem sabe poderia resgatar o amor materno e principalmente a vida, um sentimento do eu interno em pedaços, pois é sabido por todos que a verdade liberta os insetos.

Atenciosamente

Nadir Antonio, proprietário da Varig, autodidata, promotor público, juiz de direito e pecuarista

cumpra-se amém

Três

A Reinaldo Stawinski da Rocha

Doutor eu me chamo Marília ... esteja atento... três doutores chegaram ao hospital ... os três estão hospedados no flat nº 13... eles estão brigando entre si Cezar Imperador é bioquímico... Tatu Molita é o neurologista ... e o presidente Ronald Riegel é clínico geral ... eles inventaram uma energia alternativa para substituir o gás de fogão da nossa cozinha querem trocar o gás do fogão que faz a nossa comida pela areia do deserto

— Ouve ... eles estão brigando pra ver quem é o dono da patente ... olhe lá doutor!

Painho

lá vai o painho usando uma echarpe cor de rosa no pescoço tomando uma xícara de chá de camomila é um sujeito de cabelo crespo e grizalho um legítimo doutor! ele estuda células mortas na faculdade de pelotas e visita todo o dia o hospital é ele que cuida das células das pessoas daqui, depois que elas morrem doutor me salva do professor painho!

Tão Violentamente Doce

"Amanheci com desejo. Há dias estou grávida. Desejo estar perto de ti. Estou grávida, sim, da tua ausência" Geórgia S. Silva

Passou da idade. Tem 64 anos. Leva a mão enrugada até a barriga e aproxima até o meu nariz pedindo que eu cheire. Não sinto o cheiro da vida nascendo das mulheres quando estão prestes a dar a luz. Na verdade o cheiro é de uma barriga de mulher obesa e cheia de suor, de quem nunca conheceu um perfume por mais simples que fosse. Sou tomado pelo sentimento da compaixão, de uma ternura que me invade por aquela mulher com rosto de menina. Está grávida, não suporta mais carregar o peso da barriga. Já são 13 meses. Quer um medicamento para abortar a criança. Estou no primeiro mês da residência em psiquiatria e atendo seu pedido. Um comprimido de "Amidex" em dose única via oral. Como foi ensinado na faculdade — segui o "protocolo".

Lembro de algumas ordens "dos mestres":

- Veja a epilepsia quarto 22!
- Não esqueça de revisar a pneumonia do leito 33!
- Veja a úlcera do 44!
- Confira a histérica do número 11 e se for necessário deixa um diazepam na prescrição, ela pode se agitar na madrugada!

De repente, sua boca se enche de saliva. Corre ao banheiro e enterra a cabeça no vaso, encolhendo os músculos. Respira pelo nariz e vomita. Quando levanta a cabeça apenas a boca se mexe. Vozes falam dentro da sua cabeça.

No fim de tarde ela chama: — Veja, minha filha nasceu!

Grita embalando uma boneca de pano ao colo. Um sinistro brinquedo com um orifício na boca e outro entre as pernas. Tomado pelo alívio imagino que não mais ouvirei a história da gravidez interminável.

No dia seguinte. Manhã bem cedo. Ao entrar no hospital ela me agarra desesperada:

- Minha filha precisa nascer!
- Não lembra? Ontem você me mostrou a menina em teus braços.
- Doutor, escuta! Minha gravidez é de gêmeos!

Carta Sem Nome
A José Ricardo Pinto de Abreu

Um rato rói meu cérebro. Penetra mais e mais. Meu pai grita, minha mãe grita. E Deus sussurra ordens doentes. Não sei mais o que é verdadeiro. Quero controlar meu grito mas não consigo. Tudo faz eco no meu cérebro. O que é um cérebro? É este delírio errado e alucinado.

O que é?

Às vezes sou Deus ou a Virgem Maria. Meu pensamento foge misturado em palavras perturbando minha alma que apodrece.

Dou risadas estúpidas e quando eu choro as pessoas olham para mim não entendem que eu estou amarrado a uma cama.

Eu não me importo com nada só o que me dá medo é de ficar amarrado ao grito desse fantasma que me cuida

Infinito Percurso

este hospital está cheio de mutilados. Olha em volta Doutor! Só tem mutilados! Eles se escondem nos buracos das fechaduras, embaixo das unhas, no sangue da gente e até onde as cicatrizes se escondem e ao mesmo tempo querem se exhibir.

Quem é mais infeliz?

Eu ou minha cicatriz?

Escuta! ... As pessoas bastante infelizes são felizes por serem infelizes, e os médicos tentam encontrar consolo montando nos ombros das pessoas simples do hospital!

Olha! não há esperança.

No fundo eu quero dizer que as pessoas só se compreendem num ponto e não se compreendem mutuamente. Eu acho doutor que isso infelizmente é um grande mal entendido.

Cuidado! Uma pessoa mutilada é capaz de colocar um médico debaixo de uma unha!

Divino Porquinho

Vem me buscar madrinha ... eu não consigo dormir ... é véspera de natal e eu tenho um problema num olho que quando ele se abre pelo canto dele corre uma água branca... vem conversar comigo madrinha e dizer que gosta de mim... quem me deu o apelido de porquinho foi minha mãe porque eu comia bastante... hoje a esposa do prefeito trouxe um bolo para nós e eu comi oito pedaços e depois eu peguei um pedaço e coloquei no bolso porque eu tinha medo de ficar sem comida, então eu comi ele no dormitório de madrugada ... de madrugada eu tive muita dor de dente, enquanto eu mastigava o bolo minha boca inchava, bem do lado onde eu tenho meu olho caído ... quando cheguei aqui nesse lugar eu só chorava de saudades dos meus outros oito irmãos, e às vezes de tanto chorar eu incomodava os outros meninos do dormitório, e eu apanhava de todos ao mesmo tempo, então eu ficava violento e quebrava todo o dormitório que até chamaram meu irmão mais velho para vir aqui e me acalmar ... eu fiquei muito contente quando minha mãe veio me buscar para cuidar dela. Ela me disse que era porque os meus irmãos estavam seguindo a vida e ela precisava de mim para cuidar dela, mas depois ela morreu e aí eu voltei aqui outra vez.

Aqui é muito bom e tem festa... eles me vestem de palhaço, e aí eu sou o DIVINO PORQUINHO ... é nestas horas que todos gostam de mim Madrinha eu tenho muita dor de dente, eu quero melhorar para poder comer bolo. Vem me buscar, me tira daqui para eu melhorar da dor de dente diz que você não caiu daquele carro que não foi esmagada pelo peneu, não está morta, está?

Noli Me Tangere

Quadro renascentista do pintor florentino Agnolo Bronzino. Conhecido como "Bronzino" por ter a pele do rosto de aspecto carregado em bronze. A pintura retrata uma das cenas mais intrigantes do Novo Testamento, onde Maria Madalena ao ver Jesus ressuscitado, aproxima-se dele: — Não me toques! Diz Jesus.

A cena antecede o momento em que São Tomé toca as feridas de Cristo, dizendo:

— Ver para crer!

"Noli Me Tangere" é talvez:

"Não Me toques"

Ou quem sabe:

"Ver para Crer"

Cai sobre a cama entrodilha o corpo como uma caranguejeira. Respira arfante e levanta os braços magros. O enfermeiro entra no quarto com uma seringa na mão, é um vulto rotundo. Desata o cordão do pijama e vira o homem de barriga para baixo. A bunda é toda encaroçada de tanta picada. Procura um lugar menos enalombado e aplica a injeção. Horas depois bebe um gole d'água do caneco sobre o bidê. Caminha até o banheiro e olha o rosto envelhecido no espelho descascado. O punho acerta o espelho que se parte em cacos. Um soco surdo. Ergue a vista e molha os cabelos. As moscas dançam ao redor do bico de luz. Uma delas salta, pula e rodeia como uma pateta. Olha as pernas, os dedos dos pés, torcidos. Os joelhos parecendo uma bola. Pensa em Deus — apesar de tudo gosta de Deus. Deus é a coisa mais linda que já existiu. É um homem minúsculo criado à sua imagem e semelhança, suspira desanimado. Tudo é silêncio. A luz do quarto apaga. A impressão é de que a noite será comum como tantas. Respira agitado, e o ruído da mola do colchão imita um gemido de criança. De repente um frêmito pavoroso corre pelas veias. Bate-se na cama. Levanta e rebenta-se contra a parede pisoteando o chão de tábuas do quarto. Senta e se recosta na cama. Olhos envidraçados. Rosto vermelho. Os braços crescem. Mãos em garra. Tudo paralisa, endurece. Penas voam do travesseiro. Em seguida rebenta em agitação. A baba escorre pela boca retorcida, entreaberta. Palavras travam na garganta. O rosto é máscara azulada. Com medo nos olhos, chora baixinho. Depois se entrodilha como um ouriço. Com a mão direita entorta a grade de metal da cabeceira da cama. Debate-se, em crise. Frases roucas morrem em sua garganta e a cabeça gira de

um lado para outro como a roda de um moinho. Agarra o travesseiro e cobre o rosto transtornado. Dois segundos, quatro talvez. E os olhos tomam a forma da calma indiferente. Um segundo adiante solta um ronco, renovando o ar dos pulmões. A cabeça paralisa e a baba escorre. Os dentes maltratados espiam boca afora. Os músculos descongestionam. As mãos amolecem. A respiração volta aos poucos e a angústia escapa dos olhos. O medo mora nas pupilas. Demora em fixar as coisas do quarto: Um copo d'água e uma maçã no bidê. Uma estranha noite. E sendo noite de tanto silêncio, porque a luz não está acesa? Quem será a mulher que segura aquela mão? É conhecida? Por mais que se esforce não recorda de quem é a mão que alisa seu cabelo. Levanta da cama e caminha até a porta. Os olhos enfebrecidos dilatam. Vê alguma coisa fugindo pelo corredor.

Gagueja:

— Mãe, é você?

O Pé De Abelha

"Uma abelha carrega um peso igual a trezentas vezes o seu corpo. Possui cinco olhos. Três no topo da cabeça e dois menores na frente. Uma abelha produz cinco gramas de mel por ano. Para produzir um quilo de mel uma abelha precisa visitar cinco milhões de flores"

O autor

abelha assassina não quero teu ferrão na minha mão abelha gosta de açúcar vou esparramar pelo canteiro de terra um punhado de açúcar e as abelhas vão partir das tangerineiras e vão ferver em cima do açúcar furando a cova do canteiro meu dedo vai plantar uma abelha bem miudinha que nem se pode acreditar que vai nascer um pé de abelha será um talo bem fino lembrando os dedinhos da uma criança que está enterrada debaixo do canteiro toda a quarta feira que é dia de rezar e ansiar para ver a abelha nascer da espera não se pode apressar o crescimento de uma abelha quem semeia precisa ter calma porque as sementes vingam conforme a lua e não dou água a um pé de abelha com exagero porque uma abelhinha pode nascer afogada e a cova flora de abelhinhas há sempre um capim para arrancar do canteiro eu chuveiro o regador sobre o pé de abelhas olhando o brotinho não entendo de melancias mas uma abelha ah! é uma abelha não tentem entender a demora do florescer de um pé de abelha que eu rego até que o sol cubra a luz do dia nada de formigas carregado a semente para o fundo do buraco ao lado da cova não vou perder a esperança de pelo menos encontrar um favo só um espiando a terra fofa da cova é um mistério dobro o corpo da cova e com a ponta do dedo alargo outra vez o buraco penso que se a cova é para plantar abelha e se dela vingará o mel porque a cova não foi preparada para receber pepinos e melancias? mel custa a nascer e dá muito trabalho fazer nascer abelhas no outono uma abelha voa dizendo segredos com a simplicidade de uma criança cantando no ouvido como é experimentar uma flor do ano arriscando engolir um gole de mel plantar abelhas na horta desprezada do hospital onde só crescem pepinos e cenouras não é tarefa pra qualquer um é por isso que nesse canteiro de terra dura ninguém quer plantar o nada fico um instante parado e depois volto ao hospital e limpo as mãos nas calças entendo que algumas coisas não podem ser compreendidas como um simples balançar de cabeça minha plantação de mel nunca será esquecida



Carta De Apresentação

Doutor

As circunstâncias da minha doença exigem uma decisão, é por isso que escrevo esta carta, embora eu tenha que bater na sua porta, mas ela não abre. Então eu me armo com uma chave falsa de uso muito comum na nossa sociedade, porque eu preciso dar uma carta para vossa majestade! Sou um homem simples que talvez mereça cinco ou quatro minutos do seu tempo. Os minutos que senhor puder me conceder eu agradeço em virtude do assunto a ser discutido. Recorro ao senhor para discutir alguns planos em mim construídos. Há alguns meses conversei com o presidente da República desta nação e coloquei meu projeto nele. Ele concordou e prometeu levar o projeto adiante, ou seja, aumentar o total da felicidade humana. A única objeção dele era de que poderia ser demais o meu projeto, uma vez que ele mesmo não era feliz. Ele me disse que se eu não causasse um espanto na imaginação das pessoas do mais alto tipo não adiantaria aprovar meu projeto e ia recusar. Disse que eu poderia ficar tranquilo que ele tinha um respeito sincero, mas que compromissos comerciais obrigavam ele a partir até a China para falar com o presidente da china. Fica o senhor presidente autorizado a usar esta carta de maneira digna. Se não gostar, por favor devolva. Mas Anuncio um bom produto importante: é um par de olhos. De estilo e composição de bom gosto. E o senhor não tem com que se preocupar porque este conteúdo merece ficar na literatura clássica da vida humana, por que o senhor saiba, a vida é muito humana, e esta carta contribuirá para a reforma urgente da eliminação dos hospitais da psiquiatria, porque nós queremos viver com nossas famílias! Doutor por favor entenda que nós queremos viver com nossas famílias é que no Brasil, tem dezessete milhões de pessoas com problemas sérios e emocionalmente graves, em algum momento eles poderão precisar de um hospital psiquiátrico, mas encontrar uma vaga é muito difícil recomendo um hospital que oferece atividade física e oficina de pintura, ou seja, tratamento com o remédio que vai além do remédio porque tudo isso é praticável tanto para o presidente, o médico e também ao papagaio! O presidente me respondeu que acredita em mim e que era para esperar uma resposta, que no futuro ele ia responder que era para eu ficar sentado esperando.

Atenciosamente "John Doe"



Fezes

Doutora, meu nome é riegel e tenho 64 anos fui um professor de química e fiquei cego não sei porque estou deitado nesta cama de emergência todo cagado a senhora sabe como se pronuncia merda:

— Em inglês é shit, em espanhol é mierda, em francês é mérd, em japonês é Kussô, em tupi-guarani é poti

sou o único paciente cagado neste hospital?

Veneno Para Uma Andorinha

"Agora que já morri, posso dizer:

— não fumem" Yul Brynner

Arranca com os dentes o filtro. Leva o tabaco ao nariz e cheira. Fecha os olhos alisando o papel com a língua. Ascende o fósforo, leva a chama até a ponta do cigarro. Vê o facho iluminando as unhas amarelecidas. O cigarro queima entre o polegar e o indicador.

Hora de fumar é hora de sonhar. O fumo tranca a porta da loucura. Traga a fumaça tão forte que os pulmões rasgam de felicidade. Um ritual simples, e único. Alegra-se com a fumaça.

Que importa a angina, a falta de ar, a coronária entupida, o fumo que entra no pulmão, ardendo como pimenta em pó.

Olha o tição entre os dedos. Como se divorciar do hábito de arrancar o filtro com os dentes?

Deixar de tragar a fumaça? jamais!

O cigarro queima. A brasa corre lentamente em direção ao seu lábio, — uma leve batida com o indicador e a cinza espalha nas tábuas do quarto.

A garganta defuma. Amarelam as falanges. Um cigarro entre os lábios é um amigo. Uma bocada de gás carbônico. Um amigo morrendo na janela do quarto, ladeada de grades. Respira todo o oxigênio que pode. A brasa solitária apaga como chama de vela. Fumar é andar ao encontro da calma. O instante que fabrica artesanalmente a destruição dos pulmões.

Palmas Para Uma Alma

Escrevo esta carta enquanto presido a cerimônia de Santificação de um doente dos nervos:

—Venerados psiquiatras, juizes, promotores, artistas e inventores. Por amor à divina providência e na suprema exaltação deste seu humilde filho do povo, e celebrando neste crepúsculo uma solenidade sem paralelo e de forma até agora única no anal da igreja católica. É celebrado o que é celebrado na amplitude da majestade do papa, este homem cheio de mistérios convertido num templo sagrado aberto ao firmamento que canta as glórias do altíssimo, no templo que mais do que feito a nós é desejado por vós. Que se enche de incontáveis números de fiéis do hospital como jamais se viu em santificação nenhuma. Este templo que sobretudo exige o cheiro do manto confortável do papa, cujo nome nós escrevemos com íntima tristeza no álbum deste hospital. Somos aqui um evangelho de simplicidade, feito de linhas tortas, colorindo um ambiente de crueldade e morte. Porque o senhor papa rouba a mão da gente tão rapidamente?

A amada e favorita mão direita que existe neste mundo não escolhido de eleitos do céu, buscando ar puro nos pulmões das multidões. No supremo heroísmo há um amor obediente e dou um heróico perdão ao meu assassino. É assim este gesto, a vós pai e mãe veja esta multidão de pais e mães que educaram seus adolescentes para o martírio.

Pai e mãe eu confio no auxílio do delírio. Toda a infância encontra o refúgio que necessita para a proteção do contágio da minha mão.

Agora saiam daqui e se mantenham com alegria distante deste lugar impuro.

Amén

Trégua para o Tédio

A Gedion Rocha

Levo o comprimido até a boca. Engulo num gole na água pura. A água carrega o remédio e o remédio vence o tédio como uma cirurgia muda.

Vejo um sol claro entrando pelas grades. Recebo um abraço do vento e imagino uma linda mulher, uma esperança especial, então eu durmo, e sonho enquanto as imagens tortas e as perseguições dão uma trégua, deixem minha cabeça em paz que agora sou atriz de novela!

Eletrichoque

Na sala de cirurgia do hospital, sobre a cama — o paciente. Devo apertar o botão? Aperto. O paciente entra convulsão. Outra vez devo apertar o botão? Minha última palavra.

Não!

Visita Ao Paciente

"Aquele cheiro em uma lufada veio ao meu encontro (...) tive a sensação de ter aberto um caixão"

Paul Auster

Quarta feira é dia de visita. O amanhecer é insuportável e o ponteiro das horas não anda. Um banho. Uma ensaboada ligeira. A enfermaria toda está limpa, até as moscas ajudam. Há sorrisos por todos os lados. Qual será o primeiro familiar a entrar quando a porta abrir? Que rosto vai inaugurar o corredor do hospital?

Dia pesado e quente, anunciando chuva para a noite. Difícil é de entender porque um dia de visita termina com ameaça de temporal?

O medo nasce bem cedo, antes do zum zum das vozes do lado de fora da porta. Alguém ou ninguém virá trazer uma palavra amiga? Um calor humano? Venderia a alma por uma palavra de carinho. Um gesto de piedade que fosse.

Olha pela janela quadrada. Vê um céu vermelho no horizonte, vermelho como açúcar mascavo.

Deitado na cama ouve vozes esperando a porta abrir. Dentro de alguns segundos o relógio vai anunciar, para sua inquietação, o bater das duas horas, e a porta vai abrir. De relance vê Marília vestida de branco. Um branco limpo e um rosto feliz engordurado de creme. Seus familiares trazem um travo de esperança, um punhado de indiferença e algum dinheiro entre os magros dedos. Recosta a cabeça no travesseiro.

Pela agulha escorre o soro pela veia do braço. Que mistério há no soro que comove tanto?

A dor que fica em segundo plano. Emagrece. Não importa mais o sofrimento físico. Olha a mangueira de plástico escorrendo soro, tentando empurrar vida para dentro de sua veia murcha. Remexe o corpo.

A agulha entrava no braço, limita o movimento e aumenta a dor. Uma fisgada cruel joga longe seu pensamento febril.

Um dedo familiar parece tocar a testa suada. Chora, esperando alguém. Pensa que Deus é egoísta mesmo. Ajeita o corpo na cama. Ouve o ruído maldito das visitas lá fora. Como odeia o dia de visitas. Nestes dias sente o latejar de uma solitária frase:

— Não vem ninguém!

Lembra da última visita de sua mãe ao hospital. Já passaram 22 anos. Ela trazia uma maçã enrolada numa página de jornal.

— Que lençóis sujos. — Disse ela.

Eram lençóis vindos da caridade, costurados pela mão da ajuda anônima.

— Quero que me diga uma palavra!

Nadir olhou seco.

— Gostou da minha visita?

Nadir esperou uma eternidade.

— Não tem nenhuma palavra para tua mãe?

Silêncio.

— Nada?

Nadir abre os olhos e movimenta os lábios:

— Não falo com estranhos!

Foi seu último encontro com a mãe. A porta fecha. Não veio ninguém. Os olhos umedecem, vermelhos. Ergue a mão emagrecida e puxa o cobertor sobre o rosto.

Visita Do Paciente

"Eu vim aqui beber a mim mesmo até morrer"

Leaving Las Vegas

Entra em casa. Sente o cheiro familiar de quando era um menino. Retorna após meses de invernos. Um cheiro de família e ao mesmo tempo mesquinho invade suas narinas.

Recorda os domingos, os jantares, a infância que se perdeu. A mesa está vazia. A casa é vazia. Os irmãos se foram. Baixa a cabeça.

O quarto é o mesmo. Perambula pela casa. É noite, vai dormir. Odeia a rua deserta que sempre transportou seu corpo solitário para casa. Rua cheia de sono.

A mãe está na igreja.

— Mãe?

— O que é meu filho?

— Nada!

Grande é o silêncio. Na verdade, não há mãe nem nada. Apenas um som de passos noturnos. Não pode acordar a mãe como antigamente. Nem o latido do cão, nem a coruja da noite, o choro da irmãzinha. Nem a simples cortina batendo ao vento. Nada acorda os mortos.

Anda pela casa. Tem a certeza que o ruído de seus passos vão acordar o pai ou a mãe. Engano amargo. A casa está morta.

O Eixo Da Questão

Este é o eixo da questão. Inclusive minha psicóloga concorda com a minha autobiografia. Exige um nível elevado no quesito da psicologia da arte e através das obras de arte do renascimento e da catarse.

Saiba que minha obra é autobiográfica mas é da minha essência fazer várias voltas até chegar ao eixo da questão, porque sou intimista e isolado. Enfim estou pronto para lhe dar alguns conselhos. Deus que me perdoe porque não sou presunçoso, mas levo uma herança providencial divina por que vivo muito só.

Quero dizer que tenho alguns excessos porque estou em declínio e estou num processo de aprendizado. É bom tê-lo como amigo uma satisfação. Por favor eu não me adapto a programas mecânicos porque eu trabalho dentro de uma flexibilidade dinâmica. E o senhor vai ter que trabalhar horas e anos para conhecer meu declínio, mas graças a Deus o senhor é reação, e é bom ter um amigo é uma satisfação, eu gosto do seu método, porque como diz minha mãe, amigos são inexistentes pra não dizer raros.

Por este aspecto e pela própria personalidade minha que é original, não espere que as pessoas entendam sua vida.

Obrigado pelo copo de água, porque na sua ultrasensibilidade que é sincera emocionalmente, isso é muito importante pra mim e aproveite o banquete que te ofereço.

Susto

Uma vez na vida e não duas, os momentos vão surgindo como ratinhos assustados, correndo e passando pela vida, depressa demais. Apenas para os corajosos, os fortes, os verdadeiros, este momento chega.

Não deixa a vida passar por você, porque num piscar de olhos o amor se vai e o momento morre infeliz. Ouve o bater vazio do coração que ele saberá quando o destino entrou no seu ouvido.

Não tema querido amigo, no final vale a pena o custo do susto que você levou quando entrou aqui no hospital.

II A ARTE E O VÍNCULO COMO REMÉDIO

A manifestação artística conserva o caráter sagrado da linguagem e da comunicação com o mundo maior, que é a vida. Por seu intermédio conhecemos a ponte entre o humano, o integrativo e o interrogativo.

Arte: definidora do delírio, da alucinação, da comunicação com a loucura como agente unificador do homem consigo mesmo, do universo fora e dentro dele.

Ajudei? – Sim. Ajudei sobretudo a mim mesmo.

Na lucidez pictórica de Marília, passei a crer que os conflitos interiores do ser humano se superam, em parte com a arte. Vi Nadir em sua loucura lúcida, moldando em barro um homem humano.

Arte louca! Esta força imortal que alavanca o intercâmbio entre o normal e o delírio. Afirmção e contradição lutando contra o preconceito e a segregação, superando os limites entre a vida e a morte social.

Processo lento. Profundo e esgotante. Uma hora, um minuto, nenhum segundo. E a construção surge com a argila.

O farelo do lápis de cera e a pasta de sapato moldam o desenho como um tubarão que emerge das profundezas de um oceano inesperado.

Movimento de mãos e cérebro em sofrimento. Força estranha que se põe à mostra, devagar e depois inteira.

Haverá neste mundo alguém inteiro?

Na verdade qualquer forma de expressão, já é por si regeneradora e curativa. É incentivo para a reestruturação e reintegração social da pessoa que vive numa realidade apartada olhando de fora, apartada deste universo aparentemente distante e ao mesmo tempo tão próximo.



Gostaria que este livro fosse escutado com o coração cheio de ouvidos e visto com a alma cheia de olhos. Sopro de lábios ferinos. Mão pintando o amargor. Dor, que assim como veio, vai embora.

Trabalho de seis anos dando inquietação. Massa, tinta aguardando o calor da mão para celebrar a mistura que abre a passagem ao mundo onírico, louco e real.

Completando e complementando a música em composição dando forma à escultura arquitetando a loucura.

O que o paciente psicótico produz:

“Arte de alma feia”?

“Arte que torna pesado um coração”?

“Arte brincando com a vida”?

“Arte da transpiração”?

“Sofrimento do gênio sem valor”?

Marilia murmura:

— Sou pequena no grande esquema desta vida. Que tipo de diferença eu faço? O que neste mundo é melhor por causa da minha presença? Minha falta será notada um dia? Por quem?

Espalho com o dedo indicador a sobra do pó de um lápis de cera e tento desenhar o retrato de alguém chorando. Sentimento que se solta e se retrata.

Nadir chora:

— As pessoas lá fora são normais e loucos são os que estão aqui dentro do hospital.

Planto imagens, abelhas vivas. Esculturas feita de argila, pintadas com pasta de sapato, marrom.

Arteterapia — é arte ou terapia? Que importa trocar uma vassoura por um lápis de cera? Haverá um lugar em que a arte e a loucura não se encontram? Ambas não nascem juntas?

O ato de criar está em todas as atividades e se revela no estado de ânimo e na excelência de sua execução, e se corresponde ou não a uma expectativa estabelecida, isso tem pouca importância, desde que transmita o sentimento na forma mais bruta e brutal. Um olho humano convertido em símbolo, recolhendo algo de bom que o mundo oferece.

Van Gogh confidenciou numa carta ao irmão, Téo:

— Pintar é evitar a loucura total!

É compreensível esta declaração de um dos maiores mestres dos pincéis demonstrando a maneira de evitar a morte social, mal que persegue toda pessoa.

“Arte bruta”, aquela que vem do íntimo sentimento. “A arte culta”, aquela moldada nas escolas. A verdadeira loucura é não aceitar que o outro possa ser diferente. Portanto, a melhor arte é quando ela esquece como se chama.

Não devemos nos iludir. O homem continua humano, e o saber que mergulha no infinito e volta ao finito continua buscando a forma da cura, de humanizar ainda mais.

Há um universo oculto dentro do paciente que encanta e humilha o médico. E a ele não é permitido sentir a fragilidade e a insignificância deste mundo, a não ser que se disponha a saber.

Ao moldar a argila o passado se oferece fazendo-se pai e mãe. Uma tristeza mansa e silenciosa invade o barro moldado com paciência, por quatro mãos. Casa moldada sem palavras, uma tangerineira como a mãe na janela. Irmão aflito procurando outro irmão.

Lápis de cera é triste, porque é gesto que conversa com a imagem formada pelo barro. Gesto que abraça uma escultura e conversa com ela, embalando à música do silêncio, seu drama e desespero. Um pedaço de cera. O pó da cera formando o retrato do asilo. A obra de giz que se constrói. Barro que constrói um pai de barro. Conversando na varanda, saudade.

Ilusão: irmã dos bichos da terra e dos pássaros no céu que seguem o movimento das asas loucas multiplicando-se em gestos. Imagem que surge no primeiro pedaço de argila arrancado da caixa, concreto armado em arte, vocabulário que nenhuma boca jamais conseguirá traduzir. Mágica escultura surgindo na

tábua áspera da mesa.

Amassa o barro com amargura. Um olhar apenas. Miséria que se multiplica como criança perambulando na rua. Destrói a escultura em formação. Era para terminar com um homem de braços abertos, prontos para voar rumo às asas. Não consegue, destrói!

Não guarda fotos. Rasgou todas na altura da garganta, só existe do pescoço para baixo. Esquizofrênico — lembra o grito da mãe.

Molda a escultura. O primeiro, abraça os joelhos, tem a cabeça baixa. O segundo repousa em seus ombros. O terceiro em posição de Cristo Redentor. Quando terminar é o momento de “alçar voo rumo às asas”.

A argila toma forma, devagar, como um trapezista que se contorce no picadeiro.

Constrói a escultura, em partes. Depois desmorona a imagem. Jamais termina a obra. Quando está perto de acabar, destrói.

Tem a delicadeza do gesto certo. Tudo nasce de um toque ao início de outro. Sorri um delírio alegre. Amassa o barro e descobre imagens vindas de longe, muito longe.

Tenta acalmar a faina da tormenta — mudando a direção do vento. Ali, naquela mesa tudo é divino. Embriaga muito mais do que o vinho.

III IMAGENS

Todas estas imagens e esculturas foram feitas,
em sala de arteterapia do hospital escola,
da Fundação Universitária Mario Martins,
Porto Alegre - RS, por mim,
acompanhando os pacientes psicóticos.
Creio, porém, que várias mentes, sofrimentos
e mãos estiveram presentes neste processo.

Valmor Bordin



Será possível explicar aquilo que nunca cheguei a compreender?
CINZEIRO. 1996



VIAGEM RUMO ÀS ASAS. 1996



Tudo não passa de trabalho, rolar a pedra, eternamente.
ALGUM DIREITO DE CHORAR EU TERIA! 1996

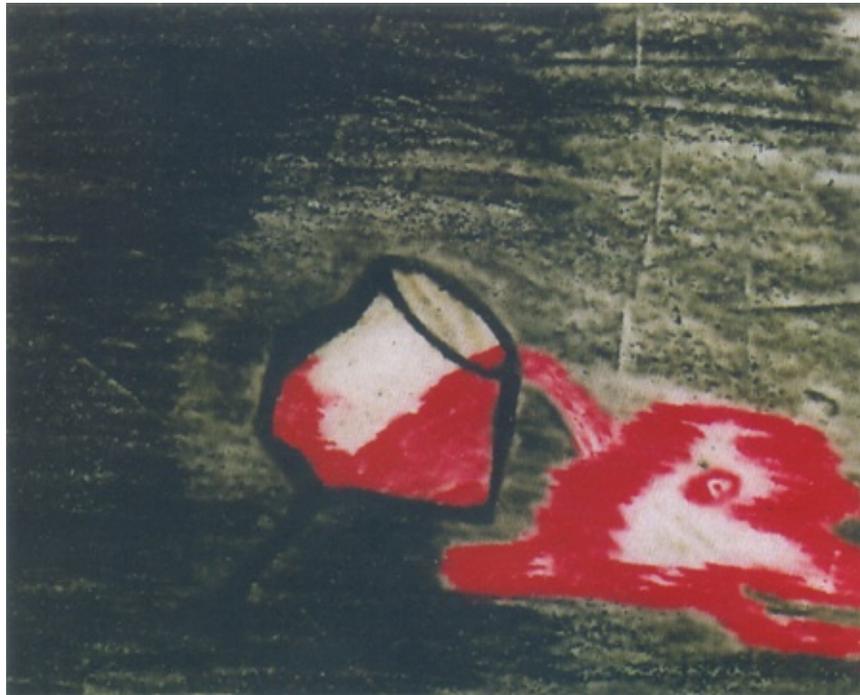


CHORANDO LÁGRIMAS EM PÓ
1996



E o homem duro fitou-me sem dó.
LENHADOR. 1996

Vinho Santo, Santo, Santo!
AMARGO REMÉDIO. 1996





Não toque esta música triste, eu não posso ouvir
NA SURDINA O CANTO RÓI OS OSSOS. 1996



A mim sempre me foi cara esta nuvem onde, por pouco, não me afogo em seus pingos.
SAFIRAS NA LAMA. 1996



Ó virgem, sempre virgem!
CUIDADO! TUA MÃE VAI TE PEGAR! 1996



Furtar uma moeda é, talvez, furtar o leite materno.
PORTA JOIAS. 1996



Se olharmos a nós mesmos, veremos a nós mesmos?
A DES-CONSTRUÇÃO DE NADIR. 1996



Caminha imigrante passo, descascado pé marchando sobre a noite.
O PÉ QUE NÃO LOGRA EQUILÍBRIO. 1996



Nunca haverá forma de explicar o verbo sofrer.
DUPLA FACE. 1996

O vendaval sopra a ferida queimando às 18hs.
O VENDAVAL QUE FLUI DENTRO DE NÓS. 1996



Há um instante que não se houve senão o silêncio, que faz todas as coisas nos ouvir.
NOSSA SENTIMENTAL AMIGA LUA. 1996



IV RODA DE CONTOS FAMINTOS

“Eu queria lhe contar minha vida com floreios de repentista, mas me faltaram as melhores palavras, as ideias mais lustrosas (...) na sombra agora eu me busco. E me conto, e me refaço (...) Principiei de um jeito, enveredei por outro. Fui e vim, feito folha em redemoinho (...) não lhe contei tudo, é verdade, mas uma história tem fim?”

Charles Kiefer: “Quem faz Gemer a Terra”.

A loucura é um fio de alta tensão onde pousa uma andorinha, com um raminho de grama preso ao bico e as asinhas sangrando, com suas penas mansas, longe do ninho. Nestas linhas, nenhuma certeza, apenas divagações sobre o delírio, com ou sem aspas. Para quem quiser entrar neste barco, e depois sair, basta ter algo de humano. Afinal, “louco é sempre o outro”. Espero não estar falando sozinho.

Outono de 1996



ENFERMARIA NÚMERO 18

A meu avô, Gabriel.

Silenciosa e descolorada, a enfermaria era interrompida apenas pelo tossir abafado dos velhos. As lâmpadas à meia-luz davam ao ambiente uma aparência crepuscular. Às vezes, a rotina noturna era quebrada por uma maca coberta que circundava o estreito espaço entre as camas, vigiadas pelos velhos, conferindo os moradores que restavam.

Jacinto, emagrecido, com hálito de acetona, próprio dos que passam os dias sem comer, era um homem que se desmanchava, sem dever nem haver.

No mundo antigo que vivia, era uma máquina de submissão e humildade. Seus vagidos noturnos e famintos eram ouvidos por todo o hospital.

Sobre o criado-mudo a dentadura num copo d'água lhe sorria com desdém e, sob o copo, um cartão do SUS.

Internara, havia dias, para fazer uma biópsia, a fim de investigar uma doença que o impedia de engolir a comida e que por causa disso emagrecia.

Médico recém-formado, em pé à sua direita, eu examinava seu corpo pensando:

— A morte não seria uma boa solução? Não precisaria comer, beber, amolar a foice ou pagar juro alto para o banco. Então, a vida não teria tanta despesa.

Certa manhã, Jacinto decidiu perguntar o que tinha:

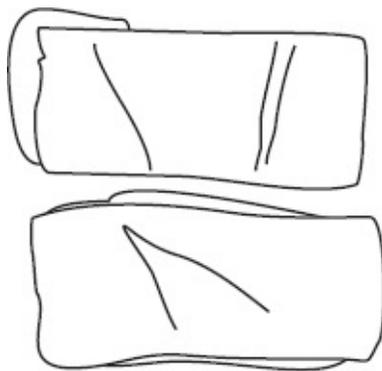
— Nós, velhos, somos quase sempre inoportunos. Mas, afinal, o que eu tenho? Como médico residente bem treinado, falei, lembrando Tolstoi:

— Isto e aquilo indicam que o senhor tem isso ou aquilo; mas se o exame não confirmar que o senhor tem isto ou aquilo, devemos levantar a hipótese de ter isso ou aquilo. E supondo-se que sofre disso ou aquilo, então... Esperemos a biópsia!

No fundo, Jacinto sabia que sua vida se esvaía sem que ninguém pudesse impedir — estava morrendo.

Escorregou a mão, guiada como um caniço e alcançou o espelho sobre o criado-mudo. Olhou a barba que eriçava o rosto. Condoído com seu destino, chorou. E muito.

Talvez ele não tenha vivido como deveria?



Um pensamento me acudiu de repente. Mas, por que? Se este homem sempre procedeu como era preciso?

Imediatamente afastei a única hipótese possível para o enigma da vida e da morte.

— A liberdade é maravilhosa. Falou Jacinto, recuperando um fio de memória, e ficou pálido.

Os velhos, vizinhos ao leito, cobriram suas cabeças grisalhas, cercadas de mistérios. Encolheram como mariposas voando no círculo de calor de uma lâmpada.

Amarramos seu braço à cama e colocamos uma agulha. O sangue escorreu através do frasco pardo-cento da enfermaria, como o corpo obstinado de uma serpente. Ali pingava sua última esperança.

Na penumbra, sua boca sofrida e triste movia-se como um peixe à beira de um rio.

HAVIA UMA PEDRA NA PORTA DA MINHA ESCOLA

A Jorge Carrão

“Enquanto teu sono não for digno de acordar, por favor, não durmas”

Shams de Tabriz

No meio da multidão, quando saía da escola, lembro o roçar de um ombro estranho e um piscar de olho.

Eu segui aquela sombra até descer a escada, até alcançar a rua. Um rosto marcado pela beleza fria de um assassino profissional. Nunca tinha visto um olho brilhar tão intensamente.

Fui uma menina de academia. Na minha família não faltava nada. Principalmente liberdade. Eu era bonita e chamava a atenção por onde passava. Meu pai dava dinheiro para eu frequentar o shopping.

Porém, a vida me pregou uma peça. Um dia, fui com uma turma de amigos para a balada.

Meus pais confiavam demais em mim. Bebemos um pouco no bobódromo e tal. Tinha um show muito legal e muita movimentação de gente. Eu já tinha experimentado uísque uma vez, mas nunca tinha ficado bêbada. Aí tomei meu primeiro porre com a galera, foi muito legal. Curti a noite inteira bem doidona e transei com uns 10 carinhas. Já que menor não podia beber eu tomava uísque com guaraná, e os babacas nem notavam. Bebi a noite inteira. Eu adorei dançar contra a parede da boate abraçada em minha sombra.

Pelas 2 horas da manhã, fui levada numa maca dos bombeiros para a emergência do hospital, estava em coma alcoólico. O enfermeiro espetou uma injeção de glicose na minha veia. Vomitei até as tripas, mas estava feliz. Meu grito de liberdade estava dado.

No dia seguinte, aquela dor de cabeça horrível. Um mal-estar daqueles! Achei que era da TPM que meu corpo acabava de conhecer, afinal eu estava com 14 anos.

No sábado, conheci uma turma que tinha alugado uma quitinete só para fazer festa. Nem imaginei que naquele dia eu seria apresentada ao meu futuro assassino — aquele que conheci na porta da minha escola.

Bebi um pouco. Não estava legal. Lá pelas 4 horas da manhã rolou de tudo. Fui apresentada ao famoso baseado. Um cigarro fedorento e venenoso de aparência inocente. No começo resisti, não tive coragem. Mas disseram que eu era careta e isso mexeu com meus brios, acabei experimentando. Tive uma sensação esquisita! Um baixo astral.

No dia seguinte, experimentei algo diferente. Os garotos estavam adiantados, faziam carreirinho e cheiravam um pó branco, — descobri a cocaína. Percebi que alguma coisa estava mudando em mim. Eu sentia vontade de buscar novas experiências, novos amigos.

Aliás, meus melhores amigos foram sumindo da minha vista. Eu estava envolvida com uma galera da pesada e nem percebi que já era uma dependente química.

Fiz viagens alucinadas compartilhando a seringa, porque o sangue diluía melhor no pó. A cocaína misturada no sangue dava um efeito mais forte.

Fumava maconha com esterco de cavalo. Ah! o extasy. Eu dançava sem parar lavada em suor morrendo de sede, quanta sede!

Roubei. Mas o roubo era escasso e o dinheiro faltava. Então eu fazia programas com uns velhos decrépitos, mas eles pagavam bem.

Devo ter passado um monte de doenças. Eles não usavam camisinha e nem eu pedia.

Fui internada 44 vezes. Saía do hospital, suportava alguns dias e nada mais. Depois picava meu braço novamente. Aos poucos minha família desapareceu.

Não demorou muito para abraçar de frente meu assassino. Uma pasta aquecida, de segunda, e bicarbonato de sódio. Uma lata, uma chama de fogo, um estalo — e CRACK!

Estou pele e ossos. Perco as forças, Joguei pelo ralo minha vida. Estou internada novamente, talvez a última vez. Não sinto a multidão de alunos, nem o cheiro da escola. Paguei caro pela minha ingenuidade.

Um homem estende a mão quente, é meu pai. Agora é tarde, tarde demais.

MARÍLIA DENTRO DO ESPELHO

“Nem o sol, nem a morte podem ser olhados de frente”

Rochefoucauld

À Cibele Fagundes Milagre,
com carinho profundo

Valsa no quarto vazio, uma dança estranha. Abraça o ventre e balança o corpo ninando uma boneca entre os braços. A boneca é seu par.

Onde termina a linha do rosto começa o traço do caderno de escola — cheio de linhas vazias. Aula sem recreio. Pedaco de frases falhadas. Muda aos poucos. Tem treze anos. Atrapalha a aula. Ri demasiado riso. O professor manda que se retire da sala de aula. Sai da escola.

Marília muda de jeito. Tira um tênis. Deixa outro no pé, e deita no sofá. Adora dicionários. Pesquisar palavras. O significado do que é espírito, caráter, personalidade e justiça.

Procura o sentido da palavra porque. Que palavra é essa? – Pergunta ao pai.

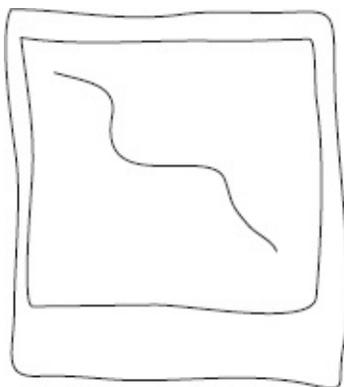
Escova os dentes em frente ao espelho. Vê dor e mais nada. Só Marília e o espelho. Um fecho de luz refletido através da janela — a lua. O espelho se abre e surge uma corda. Marília mergulha o pescoço na alça da corda. Abre a boca do espelho. Sente o hálito de um deserto. O odor da solidão. A boca do espelho engole Marília, muda, que guarda o espelho nos olhos vermelhos. Navega no mar distante — o barco naufraga. Marília agarra-se num bote salva-vidas. Não é o bote, é o espelho que abraça e despedaça.

Marília é menina triste de olhar sombrio e ouvido entupido de vozes e espíritos.

Aniversário de quinze anos. Bolo e amigos presentes. A amiga Maria Helena traz um ramalhete de crisântemos. Marília veste a roupa mais velha do guarda-roupas. Senta no degrau da escada e chora.

É levada ao hospital. Resiste, grita sentada ao chão. Diz em alta voz — doente são vocês!

Remédios verdes, amarelos e azuis. De todas as cores.



Marília tem um altarzinho no quarto: um santinho do Bom Jesus vestindo uma capa vermelha, na mão direita uma palma, na esquerda uma lança pontuda e sobre a mesinha um dólar coberto de sal.

Fecha-se no banheiro. Duas horas de banho. Cheira as mãos, os braços. Sai correndo, recusando o remédio. O corpo treme. As mãos repuxam e a boca saliva. Caminha devagar. O pátio da casa é grande. Vai até o fundo e volta. Vai e volta. Vai e volta. Passeia de bicicleta com a mãe. A mãe segue Marília — Tem medo de deixá-la sozinha.

Volta para casa. Quatro meses de internação psiquiátrica. Sai para comprar bala de menta. Passam as horas, Marília não volta. Está no aeroporto tentando embarcar num voo até a Globo. Quer encontrar Francisco Cuoco, — adora ser Regina Duarte. Selva de Pedra é sua novela preferida. Marília fica parada, espera. Chove, e o avião não pousa. O avião não chega e Marília volta para casa.

Voam pratos, pedaços da máquina de costura da mãe. Arranca a manivela da máquina de sovar o pão.

Marília tem mãos fortes e olhar tangido pelo delírio. Navega o pincel manchando a tela em cores, sentimento molhado de tinta. Traceja o pincel sobre a tela como se espantasse um inseto incômodo pairando em sua testa. Sopra a tinta fresca. Olha em volta e recomeça tudo outra vez. Retoma o pincel e conversa com a tinta azul, depois a verde.

A mãe toca a face sombria e quente da filha.

Véspera de Natal. A mãe liga às nove, dez, onze. Às três da tarde ainda aguarda uma vaga, até que a vaga chega — vaga!

De casa até o hospital leva mais ou menos cinco horas. Acorda com a mãe, cedo. Se não estiverem até as duas horas a vaga do SUS está perdida.

Marília acompanha a mãe no grupo da terceira idade. Dança com a mãe nos bailes. Não fica sozinha, senão com seus delírios. Visitas dos amigos? Nunca mais.

Suor, muito suor. A feição do rosto se altera. Recebe uma ordem! Bater na mãe, às pancadas. Porém, atravessa a rua em frente à sua casa e pega uma menina de rua pela garganta. Puxa os cabelos e bate no rosto e no peito.

Bate!

Vê o pai morto no porão da casa, — só você que não vê tudo isso, fala para a mãe.

Marília joga copos, talheres e vasos contra a porta. A mãe almoça um prato de tristeza no quarto fechado.

Não dorme. Inverno é ficar em frente à televisão que rouba sua voz. Toma café preto em frente à televisão. Pede um prato especial. Quer comer uma pizza de sardinha para esperar o caçador de andróides (...) adora Herisson Ford e quer jantar com ele. Dá uma lista para a mãe do que precisa para o jantar. Indiana Jones não chega. Marília chora e vai dormir. Tapa o corpo com um cobertor de lã e fica quieta. A mãe entra no quarto e descobre Marília. Tem medo que a filha se afogue.

Almoço. Marília arremessa o prato contra o rosto da mãe. Quebra a cadeira e o vidro da cristaleira. Chora como um bebê. Pede mamadeira e abraça uma boneca. Fuma um cigarro.

Cinco horas da tarde. É carnaval infantil. No clube desfilam olhares alegres. Marília veste um quimono preto bordado com peixes azuis. Tem olhar apagado e o pescoço pende para o lado direito, apático. As pálpebras caem.

É Natal! O pinheirinho espirra de alergia, o Menino Jesus dorme. Tem cicatrizes nos braços e no peito. Quatro enfermeiros seguram Marília. A mãe guarda as facas.

A família janta em silêncio. De repente, Marília joga a xícara contra a janela. O vidro quebra. Joga a cadeira contra a geladeira. O chão fica molhado de leite. Um pedaço de louça repousa na calçada. Vai até a horta e recolhe meia dúzia de limões e faz uma limonada, depois corta o repolho.

É a mão na roda da casa! Marília engorda. Envelhece. Ouve uma voz que não sabe de onde vem.
Mãe!

A mãe sai pela porta dos fundos. Entra pela porta da frente. Ao redor da casa Marília corre sem parar atrás da mãe. Correm como roda de moinho.

BREVE HISTÓRIA DE UMA MENINA INVISÍVEL

“Uma lembrança dolorosa que até hoje eu choro”

Carolyn S. Spiro

À Rita, por
teu carinho com as crianças

O fiapo de gente sobe a escadaria da capela engatinhando como um espinhaço beijando o chão. Melancólica e doente rasteja até a porta e pelas frestas fareja o interior da igreja, enquanto as velas se apagam.

Vai dormir na calçada, exposta ao frio. Passou vergonha todo o dia ao estender sua mão para mãos indiferentes. Nunca conheceu o peito materno. Tem a vista limitada, mas o nariz é apurado como um cão tossindo. Faz o sinal da cruz e deita.

Nunca, em sua curta existência, comeu um pedaço de pão que não fosse o negro pão amassado e misturado ao fel da mão estendida com fingimento.

Enquanto o sono não chega, conta os carros que passam em frente aos seus olhos baços — cem, duzentos, quinhentos.

Tem os braços e o peito cobertos de marcas vermelhas. É um pedaço de bicho que andou entre lixeiras covas e que aos poucos foi perdendo a vontade de viver. Fatigada, não suporta mais a luz do sol. Andou no dia faiscante pelas cansativas ruas do centro, ofegando de calor e com a língua amarga de fome. Buscou novidades e vagou pedindo esmolas aos passantes caridosos.

A escuridão traz o alívio. Tenta dormir como um cão de olhos medrosos que não tem o benefício da visão clara, mas que à noite preta fareja o dono à longa distância.

A noite cai, devagar.

Como uma víscera palpitante equilibra as mãos cruelmente rasgadas na lâmina fria do concreto. Arfa o peito raquítico com medo que alguém pise os dedos ou que seja enxotada do seu pequeno paraíso.

A boca saliva! As narinas excitadas e olhos grandes e pretos abrem-se ligeiros. Roda a cabeça deslumbrada cheia de lêndeas e piolhos. Levanta o cobertor, convencida de que um pequeno ser humano se aproxima da escada.

Cruza em frente aos seus olhos doentes uma outra menina de mãos dadas com a mãe, passeando a língua sobre um sorvete de morango.

Vê o vulto encolhido embaixo do cobertor e pergunta:

“O que é mamãe?”

“Não é ninguém.”

(...)

A guloseima atíça a saliva enquanto os piolhos e as lêndeas farejam seu sangue gotinha por gotinha. O cheiro doce entra pelo nariz e foge pelas nervuras.

Seu corpo é muito magro. Chupou há pouco um pedaço de carne vermelha, catada numa lixeira e o sangue ressequido ficou grudado na boca.

Uma fome horrível queima o estômago. Passa a pequena língua pelos lábios secos e chora lágrimas em pó. O cheiro é doce e fraco, e vai sumindo pela névoa da noite que engrossa, cobrindo seus olhos enquanto as pálpebras caem.

Em sua breve existência grudada nas latas de lixo como um carrapato, sobreviveu ao sarampo, à varicela, à disenteria, à gripe e até à fome. Forte como uma bactéria resistente, passou com um mínimo de roupa e alguma comida. Para a alma, não teve nada. Não sobreviveu à solidão.

É manhã! A menina morta é recolhida na escadaria da capela e colocada na tina de formol de uma asséptica sala do necrotério, depois é transportada para uma mesa de alumínio.

Pálida, de olhos abertos como uma boneca de cera olhando o vazio, ainda tem embaixo das unhas o fiapo de lã do cobertor, e restos de sangue ressequido ao redor da boca.

Um grupo de colegas chega na primeira aula de anatomia, usam jalecos brancos manchados de suor pegajoso. Na cabeceira da mesa o anatomista interrompe o silêncio da sala. Um perdigoto escapa da boca. Desenha um corte imaginário sobre o peito da menina:

— Abram o tórax e rebatem os músculos. Prezem pela riqueza dos nervos e veias.

Dezenas de bisturis com regularidade mecânica vão fatiando o corpo da menina. As peças, de tão fininhas e leves, podem até voar.

Minguando aos poucos, a menina torna-se um invisível cobertor de células sobre a lâmina fria de um microscópio.

HOMENZINHO

A Gildo Katz, que me apresentou Paul Auster, e
Dino Buzatti. E, que legou-me o sentimento
de que livros salvam vidas, obrigado!

Um inseto que dormia debaixo da casca de uma palmeira, um dia acordou. Escorregou pela folha, e caiu no cálice de um cogumelo.

Pronto! — estava transformado num homenzinho.

Pesou no seu pequeno pescoço uma cabeça sem firmeza e sentiu a obrigação de criar um novo mundo. As lembranças desmanchavam devoradas pelos cupins.

Um homem se criava, e sem saber o porquê, uma imensa tristeza inundava sua alma derramada num turbilhão de ideias confusas.

Foi um inseto que vivia na quietude de um abismo cheio de ossadas humanas, velhas bacias de esmalte enferrujado, borboletas e girassóis.

Nada conhecia o homenzinho recém-nascido. Sua vida era um sonho que ao dormir estava desperto e ao despertar adormecia. Jamais poderia imaginar que nada torna um homenzinho tão solitário como a desgraçada capacidade de enxergar as coisas.

Compreendendo a vida aos poucos, tentou voar até um pessegueiro em flor, como um inseto, mas seus braços desajeitados golpeavam o ar e as mãos estalavam no peito e no rosto.

Descobriu-se nu em pelo, a primeira vez, e cobriu o sexo com as mãozinhas. Caminhando sobre duas pernas e uma posição vertical, que deixava seu corpo esgotado e cheio de uma pureza tímida, tentou engatinhar, mas os joelhos e as mãos sangraram.

Uma orquídea despencou de uma árvore e grudou em suas costas. Era um homenzinho recém criado compreendendo aos poucos a matemática da vida.

Descobria um outro mundo, sentindo saudade da vida antiga quando tinha medo do sapo glutão que estendia a língua enorme, inchando o papo antes de engolir o inseto.

Um vazio inteiro invadiu seu peito. Nostálgico, não via mais o sapo, só um pedaço dele, sua metade. A metade da palavra que se criava dentro de sua consciência. Pensou que só um inseto poderia entender o que se passa na língua de um sapo.

Enquanto a dúvida roía, o homenzinho equilibrou a orquídea nas costas. Caminhou pelas montanhas. Pelas estradas, escarpas, rios e florestas. Machucou os pés tropeçando nas pedras, lambuzou o rosto caindo no pântano, fechou os olhos quando viu a luz e abriu quando viu a sombra — resquício da sua vida de inseto.

Porém, tinha novos sentidos. Novas antenas e olhos que não mais teriam o olhar em xadrez. Viu na lagoa uma estranha imagem. Um pássaro enorme matava a fome palitando os dentes de um velho boi morrente.

Numa certa altura do seu andar pensou:

— Não senhor Sartre, o senhor não tem razão. O inferno não são os outros. E você Gregor Samsa, agradeça a Kafka. Pelo menos você encontrou a sola do sapato de um pai para te esmagar. Não tive a mesma sorte. Estou condenado a viver levando dentro de mim cicatrizes, arranhões e uma mancha de sangue no meu pé esquerdo aleijado, correndo sem parar. Fui um inseto grudado numa árvore, vivendo de

sugar as gotinhas de sangue dos animaizinhos que passavam, e assim me esquivei de uma porção de desgraças. Foi poupado do grito do nascimento, do lamento do peixe fisgado no grande rio, mas fui levado pela mão materna ao cadafalso.

Era um inseto que dormia no oco de uma árvore, que a vida oferecia tudo naquela hibernação. Um pequeno e horrível inseto redondo, de corpo marrom acinzentado. Liso e duro. Esperando que a seiva do galho ou o sangue do boi pastando fluísse dentro dele. De propósito, ficava pequeno e quase invisível para que ninguém visse seu corpo. Temendo que um par de mãos espalmadas, batendo em salvas o esmagasse. Era um solitário inseto recolhido em si mesmo, escondido em sua casca, tentava sugar os animais que passavam na sua frente. Que um dia, de tanto dormir, caiu no cálice de um cogumelo, esperando que o acaso o conduzisse à seiva, ou quem sabe à carne alheia.

Um desfile de borboletas, abelhas e formigas com suas cores misturadas, prestavam atenção ao seu corpo de animal quase humano correndo desesperado.

O homenzinho olhava para trás, e via no rastro da dura travessia, o pé da floresta chorando no meio do silencioso deserto vegetal. De vez em quando, um grupo de fungos e bactérias congregava-se sobre uma folha e recuperava o sal do suor caído do rosto do homenzinho.

— Ah! Fungos e bactérias. Malditos parasitas. Pensou o homenzinho enquanto corria pisando em lagartixas e vermes.

Um grupo de formigas aglomerou-se ao redor de uma gota de sangue, do machucado de seu pé e fez um banquete. Beberam como quem bebe um bom sangue caindo como migalha de pão — devoram o cadáver de uma borboleta. Eram daquelas formigas que tinham um faro pelo sangue.

O homenzinho chegou numa pequena propriedade rural, cheia de poça d'água, arados velhos, enxadas imprestáveis, cangas apodrecendo, carroças mingando e aspas de bois enterradas. Um cachorro o espreitava embaixo de um limoeiro.

Encontrou uma casinha de tábuas. Um suor pegajoso escorria de suas costas servindo de pasto para os mosquitos que saltavam das telhas. Afugentou-os, agitando a cabeça.

Bateu palmas. Ninguém ouviu. Bateu as mãos novamente, e como ninguém deu resposta, abriu a porta e caminhou até pousar a mão no ombro de um homem velho. Percorreu aquele corpo até repousar os dedos no peito. Sentiu um marcapasso batendo desordenado. Tropeçou numa mulher grávida que não produzia leite algum. Olhou para aquela barriga e pensou que também poderia ter uma mãe.

Então gritou:

— Onde está você, mamãe?

Porém, entre ele e aquela mãe havia um grupo de oito abismos. Era um pobre homenzinho misturado dentro daquela casa.

Correu atravessando o corredor e escondeu-se atrás de uma porta. Um grupo de pessoas, ao redor de uma mesa, conversavam assuntos importantes a respeito da sobrevivência humana. Um homem usando uma lupa colada ao olho, falava:

— Uma girafa pode limpar as próprias orelhas com a língua. A escova de dente, azul, é mais usada que a vermelha. O porco é o único animal que queima ao sol, além do homem. Os olhos de um hamster podem cair se ele for pendurado de cabeça para baixo. O golfinho dorme com um olho aberto. Um em cada três sorvetes vendidos no mundo é de baunilha. Os chimpanzés são capazes de se reconhecer diante do espelho. É possível conduzir uma vaca escada acima, mas não escada abaixo. Ninguém consegue lambar o próprio cotovelo porque é impossível tocá-lo com a própria língua. Não dá para cometer suicídio parando a própria respiração. Os insetos domésticos vivem apenas duas semanas. O quá-quará-quá-quá de um pato não produz eco e ninguém sabe explicar o porquê.

O homenzinho ouviu a batida do cuco do relógio e lembrou da sua infância de inseto. Estranhou que todas aquelas pessoas tivessem os joelhos grudados à mesa, impedidas de se levantar. Elas almoçavam

um banquete de ossos, rins e fígado.

Observou a fumaça fumegando da chaminé, depois correu porta afora. O que acontecia naquele lugar era segredo dos que estavam lá.

Percebeu que deveria viver com um sentimento chamado solidão, alfinetando seu pé viajor, mas não tinha a menor ideia onde poderia abrigá-lo. A orquídea aos poucos encontrava morada em suas costas.

Alguma coisa palpitava dentro do seu peito, — era um coração humano. Sentiu um líquido deslizar pelo rosto. Naquele momento descobriu a lágrima.

Foi invadido pela solitária necessidade de falar com o filho do Nosso Senhor, mas como ele não estava ao seu alcance, chamou de Menino Jesus ao inseto desamparado que dormia escondido na casca de uma palmeira.

A SEGUNDA FACE

“Por uma estranha alquimia do cérebro, seu deleite se transformava em dor”

Edgar Allan Poe

A geada invade a janela, o telhado, a porta da casa. Aos poucos, tudo fica branco de geada. Corvos voam sobre os trigais como farrapos enlutados, carregados pelo vento.

A parteira quer pressa e água na gamela — o pai obedece, tem ânsia de amar o menino que está nascendo. A tesoura avança até o lampião. A chama tremelica, quase apaga. Esquenta, e apara o cordão umbelical.

No primeiro vagido da criança, o pai aproxima-se com a ânsia do homem endurecido e trinca:
— Nasceu meu braço forte, há de carregar muito peso pela vida afora!

Nos braços da mãe o menino solta um choro estranho e lancinante, penetrando nas janelas da vizinhança.

— Vão para o diabo! — Diz o pai.

Fecha a janela, e estende o recém-nascido num colchãozinho de palha. Cobre o corpo com um lençol encardido.

Tem sangue no assoalho do quarto. O pai limpa as tábuas com um pano de chão e joga pela janela. Os porcos que dormem ao redor da casa acordam e se põem a lambar os trapos.

Em frente ao casebre, a longa estrada perde-se em torcicolos como o dorso luzidio de um cavalo, mostrando aos viandantes a pequena vila no topo da serra. Umaz doze casas plantadas na boca da colônia. Lá onde termina a campanha e começa o matagal — nasce o estranho menino.

Na pia de batismo o velho padre derrama água benta em sua testa chamando:
— Nadir Antonio!

Com a mãe aprende as primeiras letras. A educação do catecismo e o temor a Deus. Com o pai, as lides da roça.

Torna-se um objeto indispensável à família. Inteligente na escola e leal com os amigos — Nadir tem muitos amigos.

Porém, aos poucos fica para trás. De corpo, cresce bastante. É um moço entroncado. Retaco, musculoso e forte. Mas tem um olhar triste, muito triste.

Nadir acordou triste. Sentia pena de todo mundo. Até de uma florzinha que olhava através do vidro da janela, porque suas folhas eram pálidas e pareciam doentes. De manhã cedinho o pequeno exército familiar seguia à roça. Ao longe a plantação de feijão esperava a enxada. Melancias respiravam entre o feijoal. Os olhos infantis de Nadir queriam voar. O mato invadia suas vísceras. Capinar o chão era expulsar os pecados de um morto de fome.

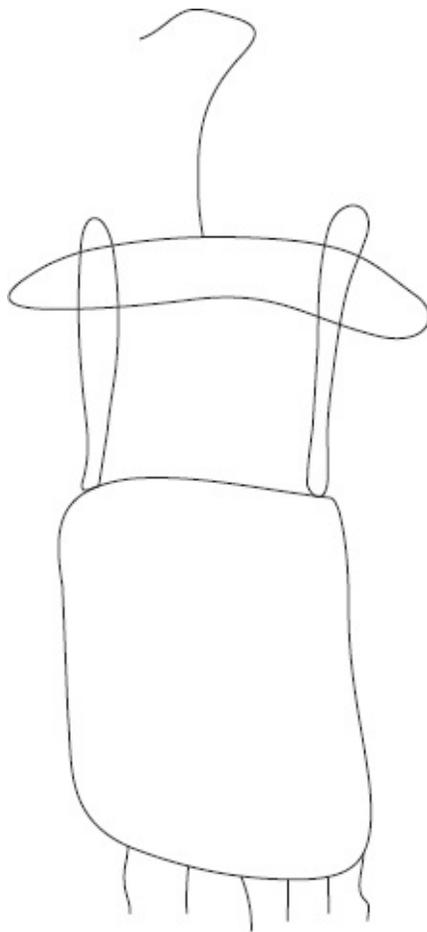
Num anoitecer de inverno, no alvorecer, bateu um aguaceiro e vento muito forte. Nadir enrolou a vara de pescar e andou ao rio próximo da casa. Lançou a linha e teimou na pescaria, mas não era dia de peixe.

Num gesto brusco retirou a linha da água e não soube por que tanto azar, o anzol voltou e cravou no polegar da mão esquerda. Voltou para casa chorando. O irmão mais velho, cortou a ponta do polegar e extirpou o anzol.

A comemoração dos quinze anos começava mal. Chamou o irmão, Elói José, e partiram para uma caçada.

— O melhor lugar de uma caçada é depois de uma ravina. — Elói aponta o dedo. Cruzam o eito de aveia molhando de orvalho.

Trazem patos gordos. Em casa, haverá festa e muito foguetório.



A porta se abre — uma fresta minúscula. No escuro dois olhos penetrantes e desconfiados miram Nadir. Alguém está agarrado à porta, olhando em sua direção. A mão repousa na maçaneta.

O vulto fica parado. Nadir levanta da cama e avança com medo. Dá um salto para trás. Quer dizer alguma coisa, mas não consegue. Fixa o olhar naqueles olhos arregalados.

— Pai! O que o senhor deseja?

A mãe tem o cabelo preso num pente feito com resto de chifre. Passa o tempo, deitada na cama. Ouve a voz do filho. Sabe de quem é a voz. Não quer ouvir, está quase dormindo.

Acorda e caminha em direção à igreja!

Nadir apanha no rosto. Sangra. O pai bate sem dó. Desvia os olhos do pai em direção às laranjeiras. É uma peça de uma engrenagem bruta e brutal. Corre procurando a mãe, — a mãe está na igreja.

Nadir é um rapaz alto. Corpulento e ruivo, de fisionomia resoluta e olhar sonhador. Mas a voz é triste. Tem gesto cortês como um criado. Quadris e ombros largos de quem nunca conheceu o que é anemia. O peso da tristeza é dócil e gentilmente suportado. Nem parece um homem que nunca experimentou um romance. É, acima de tudo, um trabalhador. Mão firme na derrubada dos pinheiros do mato que se

estende, vasto, com entrecortes de roçados. Ajuda o pai a abrir clareiras pelos ermos solitários.

É necessário plantar. É necessário que a terra produza. É preciso comer. A casa tem nove bocas esperando comida, e uma porção da mata espera ser entregue às chamas com urgência.

Nadir sulca a beira do capoeiral seco. As folhas ressequidas e as resinas dos pinheiros soltam um aroma picante, perfumando a vastidão de mata que será cortada de tanto em tanto.

Nadir aproxima-se do pai e arremata, passando a mão na testa suada:

— Que maldade!

O pai devolve um raio de ódio no olhar.

Nadir atíça o primeiro lume. Em seguida outro, e mais outro. Enfim, inúmeros fachos. O fogo tímido e indeciso se enreda entre o emaranhado do cipóal. Depois cria ânimo e crepita lambendo as ramadas. As aves mudam de pousada enquanto o fogo manso se aproxima.

A fumaça ergue faiscando. Formando coriscos de ligeireza. Um taquaral tatala torturando a noite.

Nadir abraça uma tangerineira ao pé da sanga. Contempla o céu enquanto o fogo continua sua faina brutal, e aos poucos arrefece diminuindo a insânia.

O algoz e a vítima somem. Depois volta o sossego noturno, encobrindo o rastro pavoroso do fogo. A porção da mata está ali, um punhado de cinzas.

Nadir contempla a cena! Uma tronqueira bem no meio da queimada. Num oco uma chama leve respeita a mata. Um ninho de passarinho arde. A mãe empurra com o bico um filhote para fora do ninho!

Nadir foge de casa e dorme no mato!

No quarto do hospital cobre-se com um lençol preto. É noite, e ao lado da cama sobre o bidê repousa uma tigela de sopa, um pãozinho e uma xícara de café com leite, — duas maçãs.

Deprimido e silencioso não fala com ninguém. Murmúrios tristes pelos quartos, discussões acaloradas sobre como fechar a porta ou qual seria o número de tijolos que poderia conter o prédio em frente à janela.

— Elói, meu irmão — te escrevo. Quando eu vou ter alta? Eu tenho um sentimento de alguém querendo voltar a viver. Quero ir para casa.

— Um choque atinge em cheio minha cabeça e uma dor, feita em segundos, é muitos anos no meu corpo, eternidade em minha alma. Tenho medo de vomitar minha alma, que é tudo o que eu tenho.

— Doutor medo! Você não pode fazer ideia o quanto isso me dá ânsia. Eu deito sem travesseiro na cama, de costas. Minha cabeça pende para o lado cheia de saudade.

— Pai! Não quero vomitar minha alma.

Lembra do pai vestindo sapatos de couro duro, e um casaco puído e uma calça presa por um cinto endurecido.

Um corredor sombrio. Dezenas de doentes caminham como galinhas gordas de penas molhadas pela chuva.

— Quanto dinheiro eu tenho? Pensou o pai na sua última visita ao hospital. — Será que tenho o suficiente para voltar?

Lembrou sua mulher:

— Poupe até os centavos!

No almoço não há carne. A beterraba é salada, as cascas viram suflê e a água vermelha é suco para o sagu.

— Pai, aqui me dão uma colher de remédio branco como o leite. Eu quero leite!

Nadir conserva a fé infantil que a mãe ensinou no catecismo. Ajoelha-se com os cotovelos presos à cama e reza, não pede longa vida, e ausência de dor. E, se possível voltar para.

O fim do corredor do hospital não dá em parte alguma!

Veste um pijama estranho. Sente milhares de mãos boiando sobre a cabeça. Senta ao lado da janela e começa a contar os pingos de chuva.

Mastiga palavras — medo, frio, dor, ódio.

Caminha devagar ao redor da cama e agita as mãos como se não pertencessem ao corpo. Passa a língua nos lábios. É noite alta. Cata piolhos da cabeça, esmaga com os polegares e joga contra a parede. Depois, chora como um boi mugindo.

Lembra do pai, um homem oblíquo e ausente de sorriso, passeando a mão calosa sobre sua cabeça de menino:

— Quero que você seja hábil com o machado, você vai cortar muito cedro, loureiros e cangeranas!

Da mãe, lembra uma mulher sentindo uma tensão no início da menstruação e uma discreta calma no final.

Ilusão!

O pai pega o cinto com pressa e bate na cabeça de Nadir, que sente o desenho da fivela em suas costas e mostra ao pai:

— A culpa é da fivela. Diz o pai.

Joaquim dá meia volta. E volta batendo com o punho da mão — nos dentes, nas pernas, no estômago e na cabeça. Rosna como um cachorro, depois baixa a cabeça e desaparece.

Nadir aperta os dentes com força, doem os dentes.

É cárie?

Não, é dor!

Encolhido atrás do chiqueiro, Nadir abraça os joelhos e chora:

— Por que, pai? Eu não sou um animal!

Padece calado. Mesmo nos momentos de lucidez não exprime a dor. A voz acostumada à obediência se apaga. É daquelas pessoas em que a vida não teve nenhuma pena, é um total solitário.

A profecia do pai, quando o menino nasceu nunca foi desmentida. Nadir nasceu para carregar um grande peso!

— Doutor medo, eu ouço vozes. Rastejo dentro de um tubo de concreto.

Não, é um rio!

— Barras de aço despontam de todos os lados. Cravam em minhas pernas. Eu me arrasto pelo chão. Sinto um peso no corpo. Não estou acostumado a rastejar. Estou aniquilado. Arrasto meu corpo. Tenho um saco de batatas nos meus ombros mas não consigo carregar. Não consigo ficar em pé. Quero sair daqui, ver a luz caindo sobre as laranjeiras e respirar ar puro, mas esse tubo não termina nunca. Nunca. Doutor medo, eu ouço uma voz dizendo para eu me arrastar pelos lados do tubo. Não posso, não há espaço. Arrasto o corpo pela esquerda. A voz manda que eu vá pela direita, eu obedeço novamente. O túnel não tem fim. Esbarro num saco de lixo. De repente sinto as pernas leves como um balão cheio de ar e fico de cabeça para baixo. Vejo um mundo diferente. Passo por um buraco estreito e não consigo passar. O sangue fica parado na minha cabeça. Passo onde jamais consegui passar. Sinto a ânsia da morte. Sei

que a morte está próxima.

— Pai?

— Mãe?

Nove irmãos de joelhos ao redor de uma cama. O verão acorda e nasce aos poucos. Noite de estrelas. A lua ilumina as tangerineiras.

Um desconhecido passa um algodão molhado nos lábios secos, gretados como a terra seca, que um dia desistiram de beber água.

O pai olha através da janela. Entre o sangue perdido e o conquistado, o que sobra é o puro ódio. O que fazer com o ódio? Um pai precisa de ódio. O ódio pertence à sua carne. Carne que fez o filho. Cai do olho uma lágrima furtiva, logo é secada pelo vento.

O inverno chegou. Uma horta de tomateiros verdes, congelados pela geada. Um canteiro de repolhos de folhas azuladas pelo frio. Parecem asas de passarinho recém-nascido balançando furiosas.

Cai uma chuva fina e persistente. Depois vem a serração estranha. Subindo como a fumaça da queimada.

A mãe agarra-se ao fogão, tonteia ao soprar o feixe de lenha molhada,— espera o outro filho.

V POEMA NUM LUGAR ASSIM!

“Vamos irmão! A funilaria está marcada
Pela lata que se torce, enferruja, mas corta.
De poesia também se amassa o pão que empurra
O caminho preparado no silêncio do dia”

“E se alguém me pergunta
onde está o poema,
respondo-lhe com cortesia:
na responsabilidade”

“FUNILARIA NO AR”, Armindo Trevisan

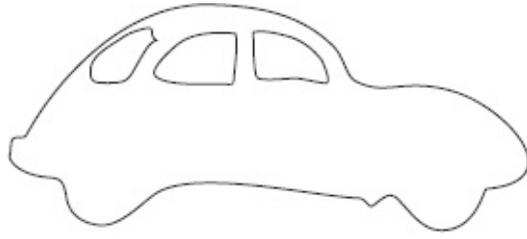
Há 2.500 anos um homem chamado Platão fundou a razão no Ocidente, forjando uma ideia que recebeu a alcunha de: “A República”.

Tentando preservar a perfeição de uma cidade ideal, Platão resolveu banir os poetas. Considerava-os cidadãos nocivos e sem capacidade para a ilusão.

Assim, deu um pontapé nos poetas jogando-os pela porta dos fundos. Tempos depois eles voltaram pela porta da frente. Perderam os poetas — venceu a poesia.

Hoje não expulsamos os poetas e sim, os loucos! Se esta ideia merece crédito, digo que os manicômios são uma forma dissimulada de borrar a diferença do sentimento humano, por mais diferente e próximo que seja a nós.

O autor

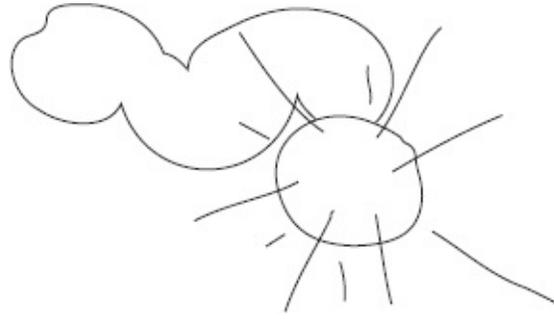


CADEADO

Cadeados por todos os lados
Um cadeado ri de mim

Sei o que ele quer
Quer meu rim

Cadeado é preso na porta
Eu livre, enfim



RESPIRAÇÃO
NADA
ARTIFICIAL

A Nelson Asnis

Quero só respirar
Nada que aspire
Meu suspiro último

Não quero inspiração
Preciso de ar
Só respirar!

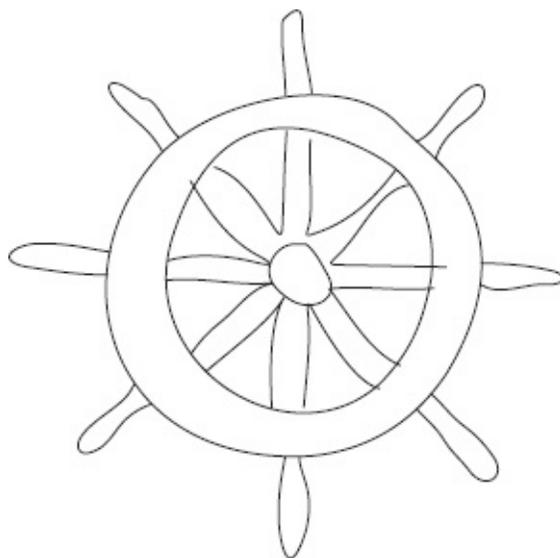
PINGO DE ESPINHO

A chuva bate no vidro da janela,
É meia-noite, e
O mundo voa em pingos quadrados

Gargalha um menino descalço
Escorre em gota pelo vidro
Negro após o relâmpago

A chuva borrifa seu rosto
Empapa os cabelos
Molha o lábio de angústia
Enquanto uma caneca d'água enche

O pingo?
Adormeceu no espinho da roseira
Chorando ao pé da raiz



ESPELHO

Alguém olha meu olho
Vivendo em meu olho vermelho
Olhar que não morreu

Meu olho no espelho
Deste olhar protegido
Do olho que dá conselho
Olhar que não é meu

Amor se perdeu, vicejo
O desejo que ainda sou eu

Indo embora o cortejo
Espelho que me doeu, e
Vendo você me vejo
Espelho do espelho, eu

Cheio de vida, morta ilusão
sabe quem só viveu
Quando o espelho é bom
Jamais alguém esmoreceu

Imagem oculta no espelho
Refletida face prendida
Pedaço que perdeu

Agora, cumpro a missão comprida
Espelho dentro da vida
Morte ilusão vencida
Sabe só quem viveu

ENCONTRO

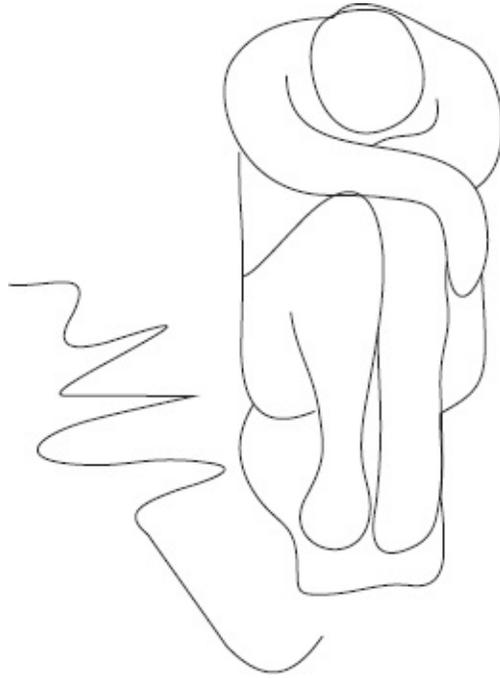
Parto todos os dias
Ao meio-dia,
Sonho, trabalho
Enrugado a secar

Minha televisão fala sozinha
Como um pai idoso

A vida?
Que fiz dela?

Eis que chega a morte e diz:
Anda meu filho, vem dormir!





SOFRERES

É estranho o sofrer que abrigo,
Que o acaso me deu,
Tenho tantos sofreres comigo
Que nem sei qual sou eu

Não compreendo, não consigo
Ter um sofrer só meu
Para meu grande castigo
Meu sofrer não é meu

Talvez! Padeço outro mundo
Inocente distraído,
Ferida alma iludida,
Lutando dentro de mim

SOSSEGO

Vozes choram dentro de mim
Choram longas
Sem fim

Dia desses pego elas
Angústia dor
Cavalo andaluz

Enterro em cova bem funda
Por cima planto uma cruz

GRITO

Na tuba do meu ouvido
Um grito acaba de nascer

Acidentado grito
Carta perdida no mar

Grito de escorpião afogado
Como bicho envenenado
Gritando demasiado

Prato quebrado
Ano perdido
Velha fotografia

Grito do cristal animal
Gemendo
Contagiado pelo grito

Grito mentiroso
Intrometido
Escandaloso

Silencioso grito
Introvertido

Em meu ouvido
Faz morada

solitário grito!

ELETROCARDIOGRAMA

“... a flor do campo floresce apenas uma hora. No entanto, não difere do pinheiro,
que vive centenas de anos”.

Teitoku Matsunaga

Tive sete infartos
Não é mentira
O oitavo me rodeia

Cancelei o cartão de crédito
Fiz exame de sangue
Colesterol e triglicerídeos

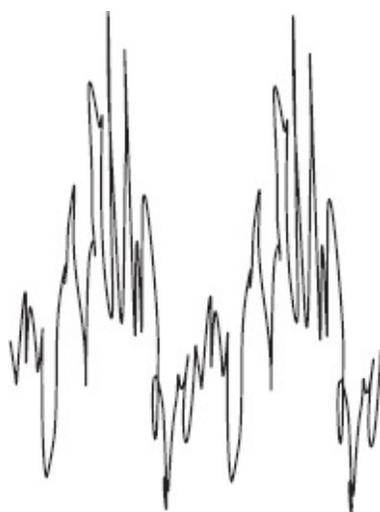
Entre sístoles e diástoles
Arritmias e prolapsos de válvula mitral
Meu coração se mantém

Monitorado, cada vez mais fraco
Anda com atraso em ritmo
De baixa frequência
Correndo da isquemia

Uma agulha procura o sangue
Do meu braço em descompasso
O sangue sangra

Tenho veias
amigo! Sei o que digo
Conheço o coração que abrigo

Repito! Escondo um coração
Protegido,
Tenho marcapasso!



ONDE
MORA
MEU
OUVIDO



Acordo,
Ao meu lado um travesseiro
Lembro de nada

Como um ladrão que entra pela janela
O dia chega,
Tem olheiras lilases

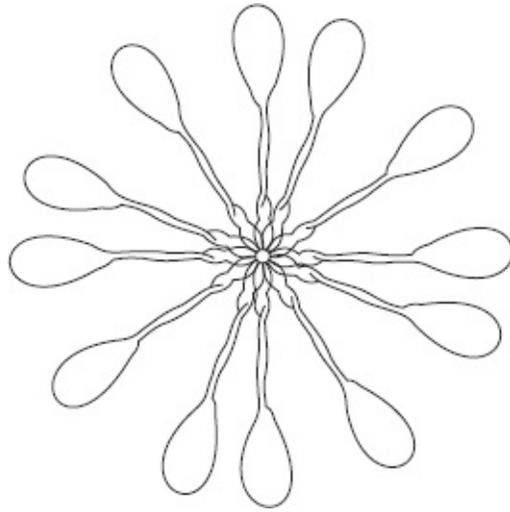
Alguém chama:
— Hora de acordar!
A vida segue, e

Minha retina arquiva o gesto
Do semáforo verde
Do tiquet de ônibus

Meus olhos injetados de sangue
Galopam em calores que se abraçam
Em galopar de sexo

Tudo segue, sem muito sentido
Não peço demais
O demais é dolorido

Grito doído
Perdão pedido
No silêncio da boca chorando
Rasgada de amor, e apetite de beijos



GIRASSOL

A Silvia Katz

Agonia amarela do entardecer,
Girassol de Van Gogh
Dorme girassol!

Van Gogh também dorme
Sem orelha,
Com ouvido comovido

Onde vais girassol?
Quando morres?

— Só Van Gogh sabe a resposta!

RISO LOUCO

“... a morte fala com voz de poeta porque é nele que as duas, vida e Morte – encontram sossego...”

Ruben Alves

Era parte de uma alegria,
Ria consumido pelo riso

Seus dentes?

Uma arcada dentária
Ungida pelas cáries

Respirava em curtas arfadas
De tanto rir,
Inalando cada gota de riso

O riso?

Acabou perdido na gruta escura
De uma garganta magoada,
Entre cartilagens,
Traqueia e pregas vocais

O louco?

Sonha um pesadelo enferrujado,
Na cama de ferro cor de limo
Recolhendo estilhaços
De um riso perdido

PALAVRA
ACESA

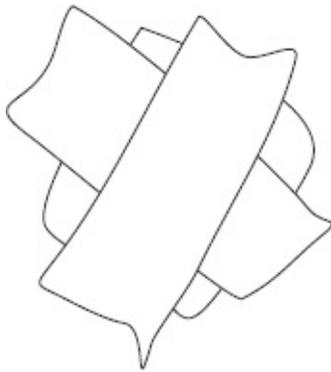
Ontem palavra
De amor partido,
Hoje sem sentido

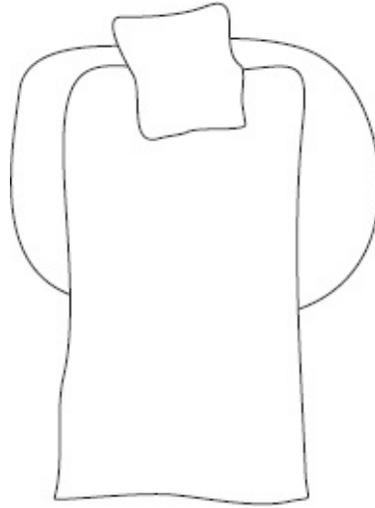
Não amar ou querer assim,
Como se o mundo inteiro, fosse
sonho dentro de mim

Promessa de ontem,
Amanhã esquecido,
Dia depois do agora

Tudo é decerto
A soma do todo incerto,
Do querer que não nos quer
Brasa acesa indo embora

Tudo a mudar, senão demora
Que a gente não quer sarar





REMÉDIO AMARGO

Quer viver num hospício?
Prove uma taça de amor
Tenha alergia ao desengano

Reduza a velocidade
Renuncie à liberdade
Vacine-se contra a dor

Abandone a tentação
De uma linda mulher,
Não a queira mais

Se o coração reclamar!
Vá a uma farmácia, e
Peça um faixa preta

Vigia o colesterol,
Não ande de pés descalços,
Nem deixe a bactéria da dúvida
Deitar em tua cama de casal

Em tua noite falta sal?
Ligue a televisão,
Se quiser viver, viva
um pouco de loucura, — como eu!

AGRESSÃO

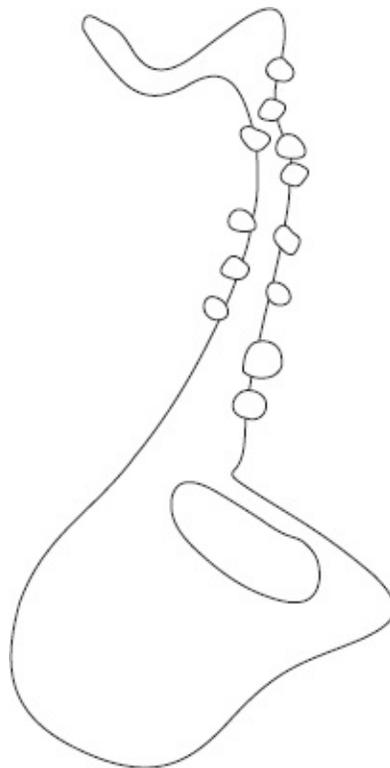
O ar entra no pulmão,
Um sopro criador
Como máquina que escreve,
Como torneira que pinga

Tesoura de barbeiro
Aflita como guarda de trânsito

Um martelo bate,
Áspero, ferindo o ouvido
Que não suporta gritos

Ouvido não tem a pálpebra
Que protege o olho

O sino bate!
Ordem de agressão
Provocando, ameaçando,
Batida partida em dor



DEUS DE AÇO

Quero - quero
Mero zero
Defunto preto

Segurando lento o osso
Das asas martelando o vento
De tanta gastura no peito

Canta amargo tão só
Não se desgarrar do leito
Sem força de voar da ponte

FILHO

Descansa filho
Num peito que nem tem força
De atirar da ponte

Amargura tão só
Miado sem força
Calcado de gritos doídos

Menino embebido
De pomar operário
Donde jamais deveria
Ter escapulado

Descansa filho
em meu braço!

QUE ROUPA VESTE O VERBO SOFRER?

“O olho do homem serve de fotografia ao invisível. Como o ouvido serve de eco ao silêncio”
Machado de Assis

Vem tranquila fúria,
Abre-te em emoção
Navegando no tédio
Deste cotidiano alumbrado

Pânico sem susto,
Pensamento desvairado
Sonho assombrado
Um pesadelo em vigília

Sobressalto calmo,
Como um lúcido punhal
Transpassando a carne
De um amor que se entredevora

Grita por socorro,
como vagido de criança
Ferida pela mão
Que depois esquece

Que fio de punhal é este
Que tranca o sangue entre as grades?
É memória ou delírio?

Que roupa veste o verbo sofrer?
Este verbo inconcluso
É equação mal calculada?
É anjo ou demônio?

No fundo fúria
É pedido de socorro,
Alguém em perigo
Ninguém socorrido

Este grito é que mais comove,
O não dormir tranquilamente
Como um livro fechando devagar,

Impunemente lúcido!

Meu pensamento voa num tempo passado. Tempo que se guarda em meu quarto. Sinto nas paredes, nas mãos, nas molas do colchão uma recordação.

Sobre a escrivaninha um lápis e uma folha de papel. Que cruel exercício é este labor esgotante de lembrar.

Lembro de Paul Auster citando Kirkegard:

“Aqui se constata que só quem trabalha ganha seu pão. Só quem está em aflição encontra repouso. Só quem desce ao inferno resgata a pessoa que ama. Só quem puxa a faca consegue trazer Isaac de volta. Aquele que trabalha deve ter em mente o que está escrito. Que só ele dá luz ao vento”.

A loucura não é justa nem solidária. É uma madrasta perversa e implacável. Um sentimento que entristece, mostrando o outro lado do humano modesto e frágil.

Olho pela janela. Uma selva de pedra. Casas desbotadas. Pessoas andando depressa. Depois se recolhem. A rua vazia contrastando com um mundo de sangue e desespero.

Recordo os movimentos das mãos de Nadir no barro que morria e nascia. Emoção incomum? Cólera no estômago? Pulsar dos músculos da face? O reverso da estética narcisista? Ou nada disso seria estética?

Nada importa! Experimentei o gosto da lágrima escorrendo em meu rosto. A criatividade em crise de loucura. Meu olho, ali no famigerado vínculo entre o poder de criação e o sofrimento psíquico.

É noite. Não estou em casa. Há noites em que apetece o passeio. Quatro paredes são apertadas demais.

Falar de um pai! Olhava meu pai comendo. A enxada descansando ao lado de suas botas, — os pés firmes. Ofereceu-me um pedaço de pão, não sei porque retraí minha mão. Amava meu pai. Aquele rosto seco ausente de lágrima. Havia em seu semblante um mistério solitário, sagrado como o fundo de um rio.

Levantar tarde da manhã, ler um jornal — hábito enraizado em mim. Cheirar a tinta preta gravada em palavras. Um desejo incontável de mergulhar na ausência das coisas e decifrar o mundo.

Ouçõ Billie Holiday. Depois, um suave crescendo de um acorde de piano — “Dança da fada de açúcar”, de Tchaikovsky. Uma onda de lembranças invade. Ah! Minha casa, minha escola. A conclusão de um movimento me tira o fôlego, o piano aumenta o ritmo até esgotar. Recordar é trazer o passado em minhas mãos. Chorar com a comédia e gargalhar com a tristeza.

Sou um menino dando um punhado de milho ao meu cavalo, sentindo na palma da mão o calor do lábio animal.

Nunca fiquei tão preso entre dois livros:

“A invenção da solidão”, de Paul Auster e “O deserto dos Tártaros”, de Dino Buzzati.

O primeiro demora a convidar para entrar. Depois é difícil de sair.

Lembro de Auster — vagando pela casa, com a sensação de que estou perdendo contato com o que

estou escrevendo, topei por acaso com meia dúzia de palavras de Van Gogh: “Como todo o mundo, sinto necessidade de família, de amizade e afeição. Não sou feito de pedra ou de ferro, como um poste de luz”.

Talvez isso seja o que realmente interessa — o cerne do sentimento humano, apesar das provas ao contrário.

O segundo é sufocante — Buzzati, um breve relato —, vira a página. Meses e anos passam. Os que foram companheiros de escola estão quase cansados de trabalhar. Tem barbas grisalhas. Caminham elegantes pela cidade. Já tem filhos ou são avôs.

Olhar à volta é como um despertar. Ouvir um barulho de passos vindos de trás. Pessoas acordando. Correndo afoitas. Ouvindo a batida do tempo. Nas janelas não aparecem mais rostos risinhos. Apenas rostos imóveis e indiferentes. E se perguntarem quanto falta do caminho alguém aponta o horizonte. Amigos se perderam. Um porque ficou para trás, outro desapareceu como um pequeno ponto no horizonte.

Depois me afogo entre Auster e Buzzati. Um quer sangue, o outro tem fome. Um exige viver, o outro, um sofrer esgotante. Deles não recebo sequer o prazer de uma gargalhada.

Pergunto-me se a arte dos loucos não está fora da loucura, mais do que dentro dela. Não encontro resposta. É um desafio estabelecido. Uma fronteira.

Meu propósito é apenas manipular uma folha de papel — manejar o barro e um pincel seguro.

A arte cura?

Arte! Sentimento que transborda pela calçada das ruas, invadindo as vilas. Um gesto de sim denunciando a loucura do modo de viver de nossa gente.

Noite fria, só eu e a lua. Transporte para o meu quarto, em minhas costas, alguns móveis usados, comprados numa loja — uma televisão, uma mesa desbotada, e uma cama.

É tudo!

Deito!

Assisto à série: “Além da Imaginação”. Começa assim:

“Há uma quinta dimensão além daquelas conhecidas pelo homem. É uma dimensão tão vasta quanto o espaço e tão desprovida de tempo intermediário entre a luz e a sombra, entre a ciência e a superstição; encontra-se entre o abismo dos temores do homem e o cume do seu conhecimento. É a dimensão da fantasia. Uma região além da imaginação”.

Um filme fantástico: “Blade Runner — O Caçador de andróides”. Em um monólogo a caça olha o caçador antes de morrer:

“Eu vi coisas que os humanos não acreditariam. Naves de ataque em chamas do portal de Tam Hauser. Todos estes momentos ficarão perdidos no tempo, como lágrimas na chuva (...) hora de morrer”.

Com eles, “os pacientes”. Apreendi tudo. Apreendi e aprendi significado do verbo sofrer. Como sentar sossegado à beira do mar. Desenlaçar o nó da gravata e não odiar o movimento invejoso do olhar alheio. Fugir do passo iniciante da decadência e me compadecer com o uivo solitário de um cão.

Apreendi que há um Deus misericordioso que afaga o cabelo de uma criança e outro estúpido, ranzinza e chato criado pelos homens, que escarra no rosto de uma criança humilde.

Tenho febre! Escrevo sob a luz de uma vela disfarçada em lâmpada. Num quarto de pensão, aqui, estou rangendo os dentes. Tenho o espasmo de um maquinista de trem em fúria, ocupado em manter a roda girando sem parar. Ouço as rodas da engrenagem rangendo seus dentes cariados.

Passam em minha frente lembranças de minha vida de residente da psiquiatria. A cada linha que escrevo sou envolvido pelos pacientes com os quais convivi. Suas alegrias, lamentos, e gritos.

Ouço gritos! Uivos de lobos em desespero. Há anos estes uivos tomam forma dentro de mim, passam em minha frente — uma peça de teatro cujo tema é a vida em delírio. Lembro de cada imagem e a emoção em contemplá-las. A expressão da dor como ponte para um mundo real.

Um cérebro dividido ao meio permite múltiplas interpretações. Na proeza da anatomia, nervos e músculos obedecem a um bisturi como um soldado obedece ao oficial. O tendão obedece ao general. O joelho obedece ao nervo. O nervo ao músculo. Músculo ao tendão, e o tendão à alma.

Quero falar de Sêneca! Um fragmento sobre a “Economia do Tempo”.

No ano de 49 d.C., a primeira esposa do imperador Cláudio, Messalina, foi condenada à morte. O imperador casa com Agripina. Sêneca é encarregado da educação de Nero, filho de Agripina. Nero torna-se imperador de Roma e Sêneca é nomeado seu maior conselheiro. Nero mata a mãe, Agripina, em 59 d.C.

Nero acusa Sêneca de conspiração contra o império. Recebe a ordem para que cometa o suicídio. Executou com a mesma serenidade que pregava em sua filosofia.

Conta-se que a morte de Sêneca foi uma lenta agonia. Abriu as veias do braço, porém, o sangue corria muito lento. Então cortou as veias da perna. A morte demorava. Pediu ao seu médico que lhe desse uma dose de veneno. O veneno não surtiu efeito. Por fim, tomou um banho quente para facilitar o sangramento. Nada adiantava, então, pediu que o levassem para um banho de vapor, e ali morreu sufocado, ditando um texto a seu discípulo:

“— Reivindica o tempo que foi levado embora. Que foi roubado ou fugiu. Recolhe e aproveita esse tempo. Convença-te que é assim, que certos momentos nos são tomados, outros são furtados, e outros ainda são perdidos no vento. Mas a coisa mais lamentável é perder o tempo por negligência. Se pensares bem, passamos grande parte da vida agindo mal, a maior parte sem fazer nada.

Podes me indicar alguém que dê valor ao seu tempo, ou valorize seu dia? Que entenda que se morre diariamente?

É nisso que falhamos! Pensamos que a morte é coisa do futuro, mas parte dela é coisa do passado. Qualquer tempo que já passou pertence à morte. Aproveita as horas e não serás dependente do amanhã. Enquanto adiamos a vida, a vida se vai. Todas as coisas são alheias, só o tempo é nosso. A natureza deu-nos a posse de uma única coisa, fugaz e escorregadia: o tempo. Ele é único.”

No entanto, a mim acontece o que ocorre com a maioria que está na miséria. Não há ninguém a dar a mão. E o que sobra é muito pouco; é o pior.

Loucura é mãe dormindo dentro de uma igreja, abraçada a uma dezena de pedras de onde não pode sair. O que assombra na loucura é a distância que parece nunca ter fim, é como alcançar o arco-íris, ainda que só um “louco” experimente esta sensação de eternidade. No entanto, o “louco” é divino na sua tentativa angustiante de compreender o mundo.

Chegado o fim do dia, examino minha vida em todos os detalhes. Fiz bem? Fiz mal? Há vida sem sofrer? Enquanto estou vivendo tenho garantia que estou vivo?

Estou aqui. Vivido mais um dia. É quase um milagre, estou vivo. Isto é o que mais importa. Interessa é resistir e saber que ainda há em mim lugar para a esperança. Poucas vezes me comovi! Quando vieram as lágrimas foram os melhores momentos da minha vida. Fui humano quando as derramei por dor, e perto de Deus quando derramadas com alegria.

Nem graça teria a vida se não fosse a ingratidão. Nem graça teria a vida se não fosse a inveja, sentimento dos mal vividos. É infeliz o homem que não tromba com a inveja. Nem atração teria a vida sem pequenos lapsos de felicidade, a vida seria tediosa.

No fim desta noite, quando imagino chegar perto de uma meia verdade, o que me sustenta é a certeza do amanhã.

Noite estrelada. Muda o tom azul do céu. Dia de inverno. Meu par de olhos trabalha na escuridão percorrendo árvores e narcisos, capturando a brisa e o calafrio do inverno, a noite coberta de geada. Flores flamejam, luzes apagam. O luar é um campo dourado em trigo como retratos em preto e branco, pendurados em olhos vazios.

Vejo pela janela embaçada mendigos vestindo farrapos. Há neles um espinho cravado, sangrando, uma dor esmagada. Suspensa como a geada dormindo na copa dos pinheiros.

Se pudesse pedir uma última coisa. Pediria que a vida me concedesse antes de morrer, um amigo, simplesmente.

Mas a vida é rápida, traz um fast food, logo logo após um fast love, volto em minha cama — um fast dream!

Não quero acreditar que um ser humano é somente guiado pelo sentimento racional, pelos números. Se for assim creio que a possibilidade de viver está aniquilada.

VII DESPEDIDA

Fecho a porta pela última vez. Nadir olha encostado na parede do corredor. Fuma um cigarro. Uma cortina de fumaça cai entre nós. Uma lágrima incha. De qual é o olho que corre a lágrima?

— Obrigado por tudo, Nadir!

— Obrigado por que, doutor? – Eu não sei falar inglês!



Conheça o Autor:
www.diga33.med.br
Site sugerido:
www.mariomartins.org.br

© 2012 Valmor Bordin
Seleção de Textos e Imagens: Rita Maynard Bordin
Capa: krgdesign
Revisão: Valmor Bordin
Editor Chefe: Rafael Martins Trombetta

Livro Eletrônico: abril 2012.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B729v

Bordin, Valmor

Voo rumo às asas : a arte e o vínculo como remédio /Valmor Bordin.

Inclui imagens e ilustrações

Tamanho: 4,20 MB; Formato: ePub

ISBN 978-85-65390-00-2

1. Psiquiatria. 2. Arte-Terapia. 3. Psiquiatria – Cartas. 4. Psicoterapia. 5. Psiquiatria – Conto. 6. Psiquiatria – Poesia. I.
Título.

CDU 615.851

Bibliotecária Responsável: Denise Pazetto CRB-10/1216

As vivências de Valmor Bordin com seus pacientes psicóticos, dentro do hospital psiquiátrico, são transformadas em poesia nessa obra, que nos possibilita penetrar, com a sensibilidade e inteligência do autor, em um mundo fantástico que só um vínculo genuíno é capaz de revelar. Livro imprescindível para todos aqueles que se dedicam à arte de curar.

Gildo Katz

Médico, psiquiatra e psicanalista.

Professor de psiquiatria da

Fundação Universitária Mario Martins.

Porto Alegre-RS

buqui